ALICE MIGUEL LAÍS GABRIEL LOUISE CARLOS SOPHIA MATH
OPHIA MIGUEL LAURA KLAUS GABRIEL LOUISE CLARICE ART
CLARICE THOMAS LUCAS SOFIA RAFAEL MATHEUS LAURA BENJ
UEL LAÍS CARLOS LIS GABRIEL ALICE AUGUSTO THOMAS LOU
CARLOS LUCAS SOFIA THOMAS ARTHUR LAURA GABRIEL LAU
MIGUEL CLARICE LAÍS ROBERT SO
SOPHIA LUCAS AUGUSTO ALIC
US LAÍS KLAUS BEN LOUISE M
RAFAEL LIS ART
AS LAURA BEN SO

AMORES IMPERFEITOS



BIANCA AUTRAN

Direitos autorais © 2020 Bianca Autran

Todos os direitos reservados

Os personagens e eventos retratados neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas reais é coincidência e não é intencional por parte do autor.

Design da capa por: Luciana Fiuza

Prefácio

Bianca Autran, escritora, 24 anos, nascida e criada em Salvador/BA. É estudante do curso de Letras Vernáculas na UFBA. Começou a escrever quando se viu diante da necessidade de externar as coisas que sentia. Assim foi descobrindo sua aptidão pela escrita, seu talento para contar histórias e detalhar sentimentos. Desde o início da sua adolescência, usa das redes sociais como espaço para publicação da sua produção escrita, com destaque para o Tumblr, ambiente que contém centenas de textos autorais, que foram escritos ao longo da sua vida. Agora, após quase uma década de produção, sem um merecido compilado, lança seu primeiro trabalho em formato de livro: "Amores Imperfeitos". O livro conta com dez inéditos contos, com a história de dez casais, cheias de dramas, frustrações, desgraças e muitas surpresas impactantes no decorrer dos enredos, a autora usa de manobras que levam o leitor a tirar conclusões precipitadas para logo depois levá-lo ao estado de êxtase com uma grande surpresa. Quem ler, sem dúvidas, ficará impactado e com o desenrolar das narrativas por um longo período na cabeça.

A autora relata a trama das histórias em primeira pessoa, com grande maestria, pois consegue oferecer ao seu leitor o sentimento dos seus personagens da maneira mais crua possível. Ora ou outra, o pensamento dos seus personagens é externado, fazendo com que quem está lendo sinta-se conhecedor do temperamento das figuras. Ao longo das histórias seus personagens fazem confissões ao leitor, criando uma aproximação e um ambiente de intimidade. Os contos se passam dentro de um universo jovem/adulto, cheio de referências pop, a redes sociais, cursos universitários e aos dilemas de uma vida jovem. A autora não se poupa dos detalhes espaciais, sensoriais, corporais, é como se oferecesse um banquinho para quem está lendo acompanhar bem de perto todos os acontecimentos. "Amores Imperfeitos" é o retrato de relacionamentos que estão longe do ideal de amor. O livro ao mesmo tempo que traz emoção e entretenimento, também traz reflexão.

Anderson Leite

Alice e Carlos

Ainda é difícil respirar e meu corpo está contra a parede do seu quarto. Minhas pernas estão fazendo aqui formato de “w” que as pessoas acham estranho e acho extremamente confortável. Eu não sei o que dizer as palavras fugiram da minha boca como uma presa foge do caçador e, eu que raramente consigo controlar as minhas expressões, acabei perdendo todas elas. Meu rosto está seco, nenhuma lágrima caiu até o momento e minha garganta está seca e surpreendentemente sem um bolo de palavras preso. Eu por um segundo pensei que não pudesse mais falar, mas falei, dei um suspiro de vida e olhei para você — ainda do chão te questionei — o que você fez comigo? Por que você socou a minha barriga? O que aconteceu com você? Eu realmente estou vivendo isso ou o quê? Enquanto isso, você me olhava travado, não mexia um músculo para me suspender ou qualquer ajuda possível em um momento assim.

***

Era mais um dia comum, eu tinha ido até a cafeteria que ficava perto da minha casa que, basicamente só precisava atravessar a pista, dar dez passos e pronto, eu estava lá. Óbvio que eu me sentia completamente privilegiada por morar num lugar tão próximo há um dos meus lugares favoritos no mundo a “Cafeteria da Dona Lola”, era esse o nome que ficava escrito num toldo meio rosa ou salmão bem na frente da cafeteria.

Como eu ia dizendo… Era um dia como todos os outros, exceto que fazia sol na cidade depois de um longo período de chuvas. Posso ousar a dizer que em quesito tempo, era o melhor dia das últimas três semanas. Entrei no café e cumprimentei a Dona Lola — sim, ela fazia questão de trabalhar diretamente como os clientes — e umas das minhas coisas favoritas nesse lugar é que tem um ar de lar, é aconchegante e o ar-condicionado está sempre em uma temperatura ideal.

Sempre na temperatura ideal, era o que minha vó costumava dizer quando íamos a uma pequena biblioteca aqui mesmo no centro da cidade. Monteiro

Lobato o nome, que por sinal, era um dos meus escritores favoritos na infância; será que ela ainda existe? Sinto falta da minha vó, de ouvi-la me chamando de narizinho e contando as histórias do Sítio do pica-pau amarelo. Suponho que acabei adquirindo seus velhos hábitos. Sempre no ponto cego de um ar-condicionado, é definitivamente o melhor lugar pra ser estar em qualquer ambiente.

Caminhei para minha mesinha que ficava no canto direito em direção ao fundo, logo após o caixa — eu conseguia ver tudo de lá — adorava observar o movimento das pessoas e as conversas de casais que acabaram de se conhecer, sem contar que, era o ponto cego do ar-condicionado. O melhor lugar para sentar e ainda com tomada, o que tinha se tornado muito útil porque comecei a levar meu notebook quando iniciei com o projeto de escrever crônicas para o jornal.

Tudo estava indo muito bem, até que, percebi que a minha mesa estava ocupada. Disfarçadamente voltei até o caixa para contestar sobre esse ocorrido com a Dona Lola.

— Oi, Dona Lola?

— Oi, sim! Querida como você está? — ela me cumprimentou devidamente bem como se já não tivesse me dado um olá logo quando entrei no café.

— Então, eu não queria atrapalhar…

— Só um minutinho. — ela disse para alguém com quem falava no telefone e se voltou para mim, dizendo — Como posso ajudá-la?

— Nada grandioso… é só que… tem alguém sentado na minha mesa.

— Oh!? Me desculpe, querida. Eu não tinha percebido, mas imagino que posso resolver isso para você, é o meu sobrinho Carlos, irei falar com ele e vocês podem se sentar juntos. O que acha?

Ela não esperou uma resposta e foi logo me arrastando para mesa. Eu estava inegavelmente desconfortável. Só espero que ele rejeite para que eu possa voltar para casa e me enfiar debaixo de uma coberta com o ventilador diretamente na minha fuça.

— Carlos, querido essa é a…

É ela não sabia meu nome, embora já fizessem meses que eu frequentava aquele lugar, na verdade, desde que abriu, mas tudo bem, é só dizer meu nome e pedir desculpas pelo incômodo.

– Oi! Sou Alice. É um prazer, mas lembrei que preciso ir, desculpe o transtorno.

— Mas não faça uma desfeita dessa, minha querida. — a Dona Lola dizia enquanto sorria desesperadamente para mim, como se quisesse sair dali e voltar ao telefonema que a esperava no balcão.

— Tá bom, eu acredito que posso me sentar e tomar um suco. — eu disse tentando agradá-la e completei com um — Claro, se não for um incômodo para o Carlos.

— De jeito nenhum! Pode se sentar. — Carlos disse as primeiras palavras depois de ter observado toda aquela situação de perto.

Então eu me sentei e coloquei minha bolsa com meu notebook e alguns papéis soltos com anotações em uma cadeira entre a gente e comecei a olhar o cardápio pensando em qual suco diferente eu pediria hoje. Como se eu já não tivesse tomado todos os oferecidos.

— Então, Carlos. Realmente, me desculpe por isso, eu costumo sentar aqui porque eu gosto de escrever e olhar o movimento. Na verdade, olhar as pessoas me ajuda a escrever.

— Nossa, que incrível. Gostei da tática. Eu nunca tinha vindo aqui, faz tempo que minha tia montou esse café, mas eu andei muito ocupado nos últimos meses com as minhas viagens.

— Hum! Viagens… legal, qual foi o último lugar? — Eu perguntei a ele e me virei pro garçom pedindo um suco de morango com um toque especial.

— É, eu fui pra Roma. Estou estudando a história da Itália. Então, deixa eu te perguntar uma coisa, por que você não pede café numa cafeteria? — ele riu meio constrangido com a pergunta.

— Ansiedade. Uau! Roma, deve ser muito incrível, eu basicamente nunca saio do Brasil mesmo. Eu me formei recentemente em letras e agora escrevo crônicas pra um jornal local.

— Que nada! Eu faço iniciação científica na faculdade e por sorte meu professor é um grande doido que fica fazendo essas viagens, felizmente eu posso o acompanhar nas férias e algumas coisas a faculdade paga, outras eu junto uma graninha. Eu pretendo continuar no mestrado com ele, estou indo pro último semestre.

— Caramba! Legal, eu acho? Me deixou curiosa, sabe? Eu imagino que deve ser incrível.

— É incrível sim!

Certo. Vamos lá: ele fala muito, deve ser geminiano ou no mínimo um mercúrio em gêmeos. É um bom estudante, dedicado e esforçado. É bonito! Ele parece o Gilbert Blythe do seriado *Anne with an E*[1]. Definitivamente

gato e inteligente.

Nesse meio tempo de conversa meu suco tinha chegado e eu me perdi entre o gosto do morango e as palavras do Carlos. Até que me dei conta do horário e disse:

— Então, eu preciso ir. Foi um prazer, Carlos. — disse enquanto me organizava para ir embora.

— Posso ter seu número? — ele perguntou apontando o celular desbloqueado e devidamente pronto para eu inserir os dígitos e colocar meu nome com um coração do lado, porque foi isso que eu fiz.

Anotei meu número e segui em direção a porta, pelo menos, era essa a intenção. Mas olhei para trás quando cheguei embaixo da luz central do café e tive a mesma visão de quando entrei naquele lugar. Dessa vez eu o enxergava de uma maneira graciosa e com um leve sorriso no rosto. Foi uma boa ideia, troquei a primeira memória por essa, agora eu lembraria dele de uma forma positiva.

***

Cheguei em casa. Coloquei água no fogão para um chá de ervas. Tomei um bom banho. Peguei meu chá e me sentei na cama enquanto colocava uma das minhas *playlists* com músicas calmas do *spotify*. Começou a tocar "*sweet creature*" do Harry Styles, até que, meu celular começou a tocar atrapalhando minha música, além do mais era um número desconhecido. Recusei, não costumo atender números que não tenho salvo, até que me dei conta que poderia estranhamente ser o Carlos.

Esperei para que ele tocasse mais uma vez, infelizmente não aconteceu. Então eu decidi ligar de volta, eu não tinha nada a perder mesmo. Retornei a ligação e esperei ansiosamente que alguém, ou melhor, que Carlos atendesse do outro lado, mesmo achando tudo isso muito estranho.

Até que alguém atendeu:

— Alô?

— Alô? Quem é? — eu disse.

— Você ligou pro meu número e não sabe quem sou eu? — ele respondeu rindo.

— Ué!? você me ligou primeiro. Desculpa ter recusado, não atendo ligações de estranhos.

— Ah sim! Uma boa menina precavida.

— Mas por que você não mandou mensagem? — eu perguntei confusa.

— Não acho mensagem uma forma apropriada para certas ocasiões.

— Ah... Sei. Que ocasião seria essa?

— A primeira vez que eu falo no telefone com Alice.

Eu soltei uma gargalhada gostosa e ele completou rindo também do outro lado da linha.

— Achei um momento épico, poderia entrar no seu TCC.

— Com certeza, querida! Concordo plenamente. — ele disse ainda rindo.

— Carlos você é uma figura, mas atrapalhou minha música.

— Que absurdo! Eu sou um grande criminoso, como eu poderia?

— Eu estou falando sério! É um momento sagrado e além do mais você acabou de me conhecer isso é bem estranho.

— Estranho seria se eu não me apaixonasse por você.

— Nando Reis é golpe baixo!

— Golpe baixo seria ir dormir sem ouvir sua voz novamente.

– Ai ai Carlos… — suspirei — preciso ir, até breve.

— Beijos! Espero que esse breve dure menos que um dia!

Desligamos e voltei para o meu momento. Eu precisava terminar a crônica para o jornal até o meio-dia do dia seguinte e já eram oito horas da noite. Me aprontei e continuei a minha escrita, finalmente consegui terminar e pude deitar. Minhas costas estão me matando, às vezes acredito que tenho 70 anos, mas, na verdade, preciso de mais ou menos uns quarenta e sete pra chegar lá.

***

Comecei a ir mais vezes na semana ao café só para poder me encontrar aleatoriamente com Carlos. Por conta disso fomos cada dia ficando mais próximos. Estava indo tudo bem, ele é incrível, cada dia mais surpreendente e logo vamos começar a namorar, tenho certeza! Só não oficializamos ainda.

Fazia bastante tempo desde meu último namoro que eu não tinha me relacionado tão intensamente com alguém e confesso que estou com um pouco de medo, mas acho até bom, isso prova que estou menos trouxa, ao menos, espero que seja isso.

***

Mais um dia ensolarado, estou começando a me acostumar com os mimos, Deméter. Continue assim, por favor. Cheguei na cafeteria e fui em direção ao meu lugar de sempre, dessa vez eu não tinha levado nada de mais, só um bloquinho de notas. Nenhuma crônica para ser entregue, ou seja, um pouco de descanso. Mas é sempre bom poder anotar algum detalhe ou alguma ideia, por isso, sempre ando com algo na bolsa.

Carlos entrou pela porta com um buquê de margaridas na mão e uma caixa de bombom na outra. Gelei, e não foi por causa da temperatura do ar-condicionado, meu corpo todo tremeu, cada pedacinho de mim, sentiu o impacto. Eu sabia que isso poderia acontecer a qualquer momento, mas nem sonhava que seria ali. Era demais pra mim. Sou muito mais tímida do que pareço e isso era definitivamente a última coisa que eu queria que tivesse acontecido em anos.

Tudo bem. Respira. Calma. Vai dar tudo certo. Sem crise. Nada de crise. É um momento especial. Tudo bem! Está tudo bem. Não tem nada acontecendo.

Carlos chegou na minha frente e arregalei os olhos surpresa como se já não tivesse visto ele chegando com tudo aquilo em mãos. Ele se sentou depois que percebeu meu constrangimento e falou baixinho próximo ao meu ouvido: “Vou deixar as flores e o bombom aqui e vou sair, te espero em cinco minutos na frente do seu prédio.”

Afinal, era só atravessar a pista e dar uns dez passos, acredito que ele daria conta disso. Já tinha sido pauta em uma das nossas conversas enquanto nos conhecíamos, ele adorava o fato de eu morar tão perto de um café quanto eu, pelo menos, uma coisa em comum.

Dei um leve sorriso de canto e concordei com ele e agradeci. Certamente ficaria melhor se as pessoas pensassem que ele era um entregador como se metade dos clientes ali já não tivesse visto nós dois juntos.

Cheirei as margaridas e olhei a caixa de bombom em formato de coração. No mínimo foi fofo, ele se esforçou pra caramba! Embora tenha sido um grande clichê. Passou os cinco minutos peguei as coisas e fui pra casa.

Cheguei na frente do prédio e Carlos estava lá com uma carinha de cachorro sem dono e um olhar meio arrependido. Mal pude falar nada ele já foi desparrando as (milhares) de desculpas.

— É… tá tudo bem. Relaxa. Eu só não estava pronta. — eu disse sendo

obrigada a acabar com aquele sofrimento.

— Tem certeza?

— Sim. Vamos subir.

Carlos ainda não tinha conhecido meu apartamento pessoalmente só pelas milhares de chamadas de vídeo que nós dois já tínhamos feito ele pode ver pedaços do meu pequeno refúgio. Não era nenhuma grande coisa. Afinal, eu nem tenho muito dinheiro. Só que eu até gosto daqui, é um bom lugar para se morar.

— Belo apartamento, combina com você.

— Obrigada? — eu não sei porque as pessoas precisam elogiar nossas casas quando nos visitam, não é nada de mais.

Coloquei uma música pra tocar e o aleatório e começou a tocar "Macabéa" do Lau e Eu, que inclusive, é uma banda bem desconhecida, mas uma boa banda e uma boa música. Eu gosto da Macabéa, temos muitas semelhanças: sou datilógrafa, sou virgem e gosto de Coca-Cola também. Apesar de que a música não fala exatamente sobre nada disso.

Carlos não conhece essa banda — o que não me surpreende — mas até que ele está curtindo o ritmo da música. Fui fazer um pouco de chá, dessa vez de camomila, ele tinha comentado que era um dos seus preferidos. Deixei a minha *playlist* no modo aleatório mesmo, enquanto isso, Carlos poderia desvendar algumas partes da minha casa.

***

Depois que começamos a namorar, Carlos começou a frequentar mais vezes a minha casa, e nós começamos a compartilhar cada vez mais nossos gostos e medos. Por conta disso a cada dia, nós fomos ficando mais próximos do que nunca e eu comecei a desenvolver por ele um tipo de amor tão forte e devastador que pudera eu dizer que nunca tinha sentido antes.

Carlos tocava violão, então às vezes ele tocava um pouco de *Arctic Monkeys* [2]em versões acústicas que ele dizia ter feito especialmente para mim. Era nossa banda favorita, digo, a banda favorita do casal, porque tínhamos respectivas bandas favoritas individualmente.

Toda vez que nós completávamos um mês ele tocava uma nova versão acústica das bandas que fomos colecionando juntos, algumas eram feitas por ele, outras já existiam e ele só reproduzia mesmo.

Namoramos por meses, foram oito deliciosos meses: cheios de desastres na cozinha. Inúmeras chamadas de vídeo quando ele precisava viajar pra algum lugar com o seu grupo de pesquisa, mesmo que fosse por apenas alguns dias. Cheios de cartas que eu o escrevia e ele guardava em uma caixinha azul de veludo que tinha um cadeado prateado e a senha era a data do meu aniversário.

Mas também, oito meses cheios de pequenas falhas no nosso relacionamento perfeito. Com o tempo eu fui me descobrindo insegura e Carlos era extremamente fechado. Minha insegurança causava problemas no nosso relacionamento e eu ficava cada dia mais paranoica, principalmente, quando ele fazia essas viagens aleatórias com o grupo de pesquisa.

Sei que eu não deveria ter motivos, Carlos era perfeito. Mas o que eu poderia fazer? Eu não tinha controle disso, mesmo eu querendo, assim como a Dona Lola tem do ar-condicionado do café. Afinal, Carlos não fazia questão de ajudar. Ele fazia com que eu ficasse cada dia pior. Depois de um tempo ainda começou a querer ditar regras dentro do nosso relacionamento e começou a fazer eu me afastar dos meus amigos. Só me sobrava tempo pra criar histórias que talvez nem fossem verdade.

Nosso relacionamento foi ficando cada dia pior e eu não sabia o que fazer, até que ele decidiu tomar alguma atitude. Como se não bastasse toda a dor que ele me causou psicologicamente dentro dos últimos três meses.

Em umas das nossas brigas, dessa vez estávamos na casa dele. Ele simplesmente me mandou ir embora, sumir, esquecer ele. Ficou repetindo isso uma vez atrás da outra e eu como qualquer outra pessoa dependente, não fiz o que ele pediu. Tentei consertar tudo, tentei fazer com que ele me ouvisse. Tentei impedir o fim. Eu tentei de verdade.

Então, foi nesse exato momento em que ele socou a minha barriga e eu só consegui cair no chão e ficar confusa sem entender exatamente o que estava acontecendo.

Minhas pernas fizeram formato de “w” que as pessoas acham estranho e acho extremamente confortável. Eu não sabia o que dizer. As palavras fugiram da minha boca como uma presa foge do caçador e, eu que raramente consigo controlar as minhas expressões, acabei perdendo todas elas. Meu rosto estava seco, nenhuma lágrima caiu até então. Minha garganta também estava seca e surpreendentemente sem um bolo de palavras preso.

Por um segundo pensei que não pudesse mais falar, então falei, dei um suspiro de vida e olhei para Carlos:

— O que você fez comigo? Por que você socou a minha barriga? O que aconteceu com você? Eu realmente estou vivendo isso ou o quê?

Enquanto isso ele me olhava travado, não mexia um músculo para me suspender ou qualquer ajuda possível em um momento assim. Eu continuei esperando alguma resposta, porque não tinha mais nada.

Acabou.

Miguel e Gabriel

“Era manhã. Três da tarde. Quando ele chegou.” Imagino que muita gente conhece essa música icônica que o Silva fez dueto com a Clarice Falcão[3], inclusive cantores muito bons da MPB que merecem mais prestígio. Mas não é sobre isso que quero dizer e, pra falar a verdade, se eu pudesse dizer uma música que me lembra o Gabriel, eu diria “Você vai me destruir” do Jão — um cantor e compositor brasileiro nascido no interior de São Paulo. Mudou-se para a capital em busca do sonho de cantar para grandes multidões — que por algum acaso é igualzinho ao dito cujo.

Eu estava vagando por uma das minhas redes sociais secretas — o Tumblr — até que me deparei com uma mensagem de fã na minha caixa de entrada, vou ocultar as devidas url dos blogs por questões de: não quero que alguém mostre isso pra ele.

Vamos lá, a mensagem era a seguinte:

Insira uma url qualquer aqui: Oiiiiiiiiiiiiiii, gostei muito do seu Tumblr, como se chama?

Sim, as coisas funcionavam assim; era todo mundo extremamente direto e estávamos procurando amizades com desconhecidos em quem poderíamos confiar nossos segredos mais profundos.

Eu fiquei completamente surpreso, ninguém, ninguém mesmo tinha me mandado qualquer coisa antes. Eu fiquei feliz em saber que poderia finalmente fazer uma amizade com uma pessoa que não iria me julgar ou iria usar os meus segredos contra mim, até porque, até então ele não sabia nem quem eu era. Inclusive, parando pra pensar um pouco nisso, ele poderia ser meus pais tentando descobrir a minha sexualidade. Eu tinha um total de 22 seguidores e nem meus amigos sabiam que eu usava essa rede social.

Fiquei tão nervoso e ansioso, mas logo respondi com prontidão:

Insira uma url qualquer aqui: olá? É, me chamo Miguel. — nesse momento eu gelei um pouco e pensei: será mesmo que devo dar o meu nome verdadeiro? Tarde demais, então só continuei digitando a mensagem — e você?

Ele respondeu dentro de cinco minutos. Então comecei a desconfiar como assim ele existe e porque ele iria querer ser meu amigo? É confuso e

assustador quando você tem 16 anos e seus pais não sabem que você é gay. Além do mais eu era muito inseguro ainda nessa época e não conseguia controlar isso. Mas decidi dar uma chance. Abri a caixa de entrada e tinha uma mensagem assim:

Insira uma url qualquer aqui: me chamo Gabriel. É um prazer te conhecer, Miguel. Enfim, me desculpa ser tão aleatório, mas você se importa de me chamar no *WhatsApp*? É muito chato escrever por cartinhas de fã e eu realmente descobri que temos muitas coisas em comum, pensei que seria bom puxar assunto e fazer amizade. Me chama lá qualquer coisa, aqui meu número: (41) 84********

Eu comecei a ter um mini ataque de pânico quando li a mensagem. Não fale com estranhos na internet, Miguel, não fale com estranhos em lugar nenhum. Não chame ele. E se ele quiser te sequestrar? E se ele quiser… Meus pensamentos começaram se embolar na minha cabeça e comecei a me sentir perdido e quando me dei conta de mim já estava lá, mandando mensagem pro Gabriel.

Foi assim que tudo começou, nós começamos a conversar e sim, temos muitas coisas em comum, ele estava certo e foi a melhor coisa que eu fiz em toda minha vida. Era pelo menos o que eu acreditava ser até dois dias atrás.

Eu sou amigo do Gabriel há 4 anos e já faz 3 anos que sou apaixonado por ele. Certo, a culpa não é dele de ser completamente perfeito e apaixonante. Mas a culpa é dele de ter alimentando esse sentimento em mim durante todo esse tempo. Tudo bem, ele nunca deixou nada claro. Mas para um bom criador de expectativas uma figurinha no *WhatsApp* basta.

Nos tornamos melhores amigos tão rápido e parecia que as coisas aos dezesseis eram tão mais simples. Até hoje meus pais não sabem sobre minha sexualidade, ou pelo menos eles fingem não saber, mas esse é o menor dos meus problemas. Eu me mudei pra capital quando passei na federal, curso jornalismo e moro numa república com alguns colegas da faculdade, eles sabem sobre mim e na real quase todo mundo aqui sabe. Só é um caos quando preciso voltar pra casa dos meus pais — e eu faço isso sempre – e geralmente é quando tenho que ficar fazendo teatrinho e fingindo que sou algo que não sou.

O Gabriel também é gay, ele me contou isso na nossa primeira conversa e não sei o que aconteceu, mas acredito que foi a partir desse momento que nós ficamos ligados por um fio invisível de amor e amizade. Um fio que liga Salvador e Curitiba.

Inclusive nós planejamos nos encontrar em algum momento das nossas vidas quando nós dois formos ricos e bem sucedidos e espero que seja logo. Porque sinto diariamente que a nossa ligação está sendo quebrada e nosso laço invisível está sendo cortado por alguma coisa que também é invisível e aparentemente invencível. Eu nunca me declarei de fato pro Gabriel, mas sinto que já está na hora, esse é o momento.

Ele vai mudar de faculdade, talvez ele pudesse transferir pra cá e quem sabe assim nós ficaríamos juntos e finalmente tudo ficaria bem de novo. Eu sei que parece um pouco idiota, mas eu nunca namorei ninguém e depois que me apaixonei pelo Gabriel, foi quando passei a me restringir a nunca mais beijar outra boca que não fosse a dele.

É como se eu tivesse feito dos meus lábios um santuário que só receberia os lábios do meu querido amor: Gabriel. Parece meio brega, mas eu sou aquele tipo de pessoa que só beija alguém se tem algum sentimento envolvido, tem um nome pra isso, mas não curto rótulos.

Estava decidido, eu ligaria para ele hoje e iria contar tudo. Eu vou me declarar. Eu consigo. Quem é o gatão? Eu sou o gatão! — fiquei repetindo isso na frente do espelho do banheiro da faculdade até que fui interrompido por um garoto que entrou pela porta meio que chorando, não deu pra ver muito bem.

Depois que enrubesci e fiquei morrendo de vergonha de mim mesmo, percebi que na verdade o garoto talvez nem tivesse visto o que eu tinha feito. Afinal, ele parecia precisar de mais ajuda que eu. Decidi que o melhor seria tentar conversar com ele e de alguma forma ajudá-lo.

— Oi, está tudo bem? — eu disse enquanto dei três toques leves na porta com minha mão meio fechada.

O silêncio tomou conta. Suponho que ele parou de chorar quando percebeu que não estava sozinho ainda. Eu estava quase indo embora quando ele respondeu:

— Está tudo bem, não precisa se preocupar.

Mas eu sei bem que a gente sempre fala isso quando está mal e geralmente precisamos sim de alguém ali, então eu insisti.

– Ah, mas é claro que preciso! Você está com uma cara péssima e quer saber? Eu tenho a solução para os seus problemas. Sejam eles quais forem, eu acho… — eu disse otimista.

Ele soltou uma gargalhada leve, mas ainda era perceptível o choro.

— Sério, não se preocupa, tá tudo bem. — insistiu.

— Certo, eu confio em você. Mas que tal ficar tudo muito melhor? — eu continuei tentando convencê-lo de sair de lá e ir comigo.

— Tá bom, você ganhou. — ele disse enquanto abria a porta rabiscada do banheiro.

As portas dos banheiros estão sempre rabiscadas, com nomes, letras de música e até conversas, provavelmente não é a mesma pessoa que responde a outra, mas é engraçado de ver. Tem de tudo, parece mais um muro de pichação do que uma porta de banheiro e ali não era o melhor lugar para ajudar alguém.

Eu tinha um lugar favorito na faculdade, tinha algumas árvores e banquinhos feito de pedra e os passarinhos sempre cantavam por ali, quase não tinha barulho de pessoas e no meio de tudo isso tinha um lugarzinho com cobertura e pilastras que costumo chamar de bosque. Enfim, era o lugar perfeito para declaração que eu ia fazer para o Gabriel, mas tudo mudou com a entrada triunfal daquele garoto no banheiro.

— Qual é o seu nome mesmo? — eu perguntei a ele.

— Verdade, nem nos apresentamos. É Guilherme. — ele disse rindo.

— Prazer, Guilherme. Me chamo Miguel, seja bem-vindo ao meu pequeno paraíso. — eu disse apontando para o pequeno bosque que ficava entre aquelas árvores, logo que chegamos no local tão esperado.

— Uau! Realmente surpreendente. — ele disse com um olhar encantado.

— É... eu sei, sempre venho aqui quando preciso pensar ou coisas do tipo.

A essa altura do campeonato eu já tinha esquecido completamente os meus planos para hoje, e foi até bom, talvez não fosse o momento ideal. Passei a tarde inteira conversando com o Guilherme sobre lugares escondidos na universidade e caçoando dele por não saber dessas coisas que as pessoas de “humanas” sabem, já que ele cursava física.

Logo que cheguei em casa fui checar se tinha alguma mensagem do Gabriel, já que meu celular tinha descarregado um pouco depois que cheguei no bosque. E de forma nada surpreendente não tinha nenhuma mensagem dele. O que me fez pensar sobre como era eu sempre quem mandava mensagem. Era eu sempre quem ia atrás e quem puxava assuntos na maioria das vezes.

Confesso que isso me deixou bem triste. Coloquei o celular no carregador e fui tomar banho. Quando voltei, nada ainda. Abri o computador e coloquei Jão pra tocar, era a minha forma de sofrer pelo Gabriel.

“Eu quero você e você disfarça com essa cara de quem vai me destruir.”

Quando escutei essa parte pela milésima vez me subiu alguma coisa e decidi. Mandei o texto que eu tinha guardado para mandar pro Gabriel hoje de tarde e acabei esquecendo por conta do Guilherme, mas essa era a minha chance.

Peguei o celular e abri o *WhatsApp, n*ão precisei de nenhum esforço. A conversa dele estava sempre fixa no topo. Copiei o texto do bloco de notas e enviei.

[15/07 19:58] Miguel Fagundes: "*sweet creature* – Harry Styles.mp3 por favor antes de começar a ler, dê play nessa música. E lá vamos nós. Gabriel, quando eu te conheci com apenas 16 anos, eu imaginava que fosse meus pais tentando tirar de mim coisas que eu jamais contaria para eles, mas isso você já sabe. Desde que me ligou pela primeira vez e eu pude escutar sua voz com um sotaque completamente insuportável e, ao mesmo tempo, deliciosamente encantador. Eu fiquei apaixonado hahaha, brincadeira. Mas sabe quando eu percebi que estava apaixonado? Quando eu comecei a ir ao mercado e achar pinhão na parte de frutos e pensar: como assim ele gosta disso? Ok, gostos estranhos. Foi quando me dei conta que você estava mais presente em mim do que eu gostaria ou do que deveria. Quando começamos a conversar todos os dias, parece que as coisas melhoraram pra mim, até porque os meus dias só tem sido bons se eu te tenho, sem você é um dia perdido. Foi quando eu comecei a falar sobre meu amigo do *Tumblr*, para meus amigos da faculdade e eles perceberam facilmente como eu sou apaixonado. Eu sei que já me disse que nunca daríamos certo, a distância é uma merda. Mas eu queria tentar, somos perfeitos juntos e você sabe disso."

Minhas mãos começaram a suar muito, quase pensei em tomar um calmante. Fui pro banheiro correndo pedindo para que nenhum dos meus colegas estivessem usando e dessa vez aquela coisa que subiu precisava sair. Me debrucei sobre a pia e despejei todo o almoço do restaurante universitário. Eu comecei a me sentir muito mal e perder um pouco da minha visão. Fiquei perdido se era um ataque de pânico ou crise de ansiedade, nunca sei diferenciar, mas sei que foi completamente horrível.

Limpei o banheiro rapidamente, afinal, era um banheirinho pequeno, quase um lavabo. Usei todo o resto de produto que tinha embaixo da pia, o que deixou o ambiente com cheiro de lavanda. Logo em seguida fui tomar banho, quase esqueci que tinha mandado aquele texto para o Gabriel, eu nem sabia o que fazer ou como ele iria responder, o que ele faria com aquilo, eu realmente estava completamente confuso e dessa vez, confuso e assustado como nunca.

Saí do banho me sentindo bem melhor e fui pegar o meu celular. Abri minhas mensagens e não tinha nada. Nenhuma resposta. NADA. Quando me dei conta, ele tinha bloqueado meu contato e nesse momento o meu mundo caiu. Eu senti como se o chão tivesse aberto em dois grandes pedaços e eu não estivesse em nenhum dos lados, apenas estivesse caindo em queda livre. Sem parar.

Eu não queria mandar nenhuma mensagem pra checar se fui bloqueado ou se ele só apagou a foto, mas todas as outras coisas tinham sumido. Era demais pra mim. Quatro anos de amizade jogados fora devido a uma declaração fajuta de amor. Era demais pra mim!

Eu decidi seguir em frente. Eu sei que iria ficar bem. Fui dormir, no dia seguinte eu tinha apresentação de um curta que eu tinha me dedicado por completo e precisava dar tudo certo. Sem erros, sem problemas.

Fui pra faculdade quase como um Zumbi. Peguei o metrô. Peguei o ônibus. Cheguei na faculdade e só queria sumir da face da terra. Quando de repente me deparei com Guilherme.

— Oi, como você está? — ele disse aparecendo sorridente na minha frente.

— Oi! Desculpa, quase não te vi. Estou verdadeiramente destruído por dentro e tenho um trabalho pra entregar em cinco minutos.

— Ah sim, desculpe o incômodo. Vejo você por aí.

— Não! Me desculpa. Eu não estou muito bem hoje, não é pessoal.

— Percebi, se quiser podemos conversar. Depois da sua aula, claro. Até porque também tenho aula agora. No próximo intervalo eu te encontro no bosque, certo? — ele disse quase certo de que eu iria.

— Certo. Eu acho... — eu confirmei seguindo rumo a minha sala.

Pra minha sorte o professor tinha suspendido a aula e esqueci de checar o e-mail. Mas hoje eu mereço um crédito. É um péssimo dia pra existir. Fui direto pro bosque e até que seria bom pensar um pouco sozinho antes que Guilherme chegasse pra saber o motivo da minha tristeza.

Não demorou muito e o Guilherme chegou com dois bombons de chocolate, um pra cada. Confesso que achei super fofo da parte dele. Nem somos amigos.

— Eu estava te devendo uma, espero que goste de trufa de maracujá. — ele entregou em minha mão enquanto se acomodava ao meu lado no bosque.

— Minha predileta, como descobriu? — eu disse agradecendo.

— Mentira! É a minha também, comprei duas no mesmo sabor porque

caso você não gostasse eu poderia comer. — ele disse rindo.

— Esperto. Gostei da ideia. — eu disse olhando pra ali enquanto tentava demonstrar um pingo de alegria.

Ficamos por algum tempo em silêncio até que decidi contar tudo que tinha acontecido e, enquanto estava contando tudo, consegui chorar todas as lágrimas que eu tinha guardado durante muito tempo. Guilherme foi gentil comigo e só me abraçou sem dizer nada.

— Obrigado por isso, eu realmente precisava. — disse enquanto secava as últimas lágrimas que tinham caído.

E de repente meu celular começou a tocar, era o Gabriel. Não queria atender, enquanto Guilherme fazias uns gestos tentando me encorajar a atender.

Atendi e fiquei em silêncio.

— Miguel?

Respirei fundo antes de dizer qualquer coisa e fui interrompido.

— Miguel me desculpe, de verdade, eu não queria ter feito isso, eu senti medo. É, eu sou um grande covarde. Eu tenho medo de me entregar, você sabe que moramos longe e que eu não tenho como ir pra Bahia. Me desculpe.

— Eu não acho que agora seja uma boa hora para conversarmos, estou na faculdade.

— Você não tem mais aula hoje, eu sei todos os seus horários.

— Mas eu estou ocupado, tenho que ir. — eu insisti e desliguei.

Guilherme ficou me encarando esperando que eu dissesse alguma coisa. Mas o que eu poderia dizer? Eu tinha acabado de escutar que nós não daríamos certo, como se eu já não soubesse disso. Eu precisava que as coisas fossem diferentes. Precisava ser forte.

— Acho melhor eu ir embora, Guilherme. Obrigado por tudo.

— Eu posso te dar uma carona até em casa, se quiser.

— Não precisa, eu prefiro ir sozinho.

Fui pra casa e lá era o último lugar que eu queria estar, meus amigos às vezes ficam impossíveis e hoje era um desses dias. Morar em um lugar cheio de pessoas na maioria do tempo é um inferno. Hoje era especialmente um grande inferno.

Cheguei em casa e fui logo pro quarto pra poder ligar para o Gabriel e poder entender melhor tudo que estava acontecendo: ele queria namorar comigo? Ele não queria nada?

Eu tinha questões que precisavam serem respondidas.

Liguei pra ele por chamada de vídeo.

— Oi Gabriel... agora eu posso falar.

— Oi Miguelito, tudo bem? — era assim que ele costumava me chamar quando queria consertar as coisas.

— O que você acha?

— Me desculpe por ontem.

— Acredito que preciso de mais tempo que isso.

— Você sabe que não é a minha intenção, não é?

— Gabriel, você sempre soube que eu sou apaixonado por você.

— Sim! Por isso eu sempre te tratei da melhor maneira possível e te dei todo carinho que você precisava.

— Eu não acredito que estou ouvindo isso. — eu disse revirando os olhos.

— Miguel, me escute. Por favor.

— Acho que você não tem nada para me dizer, Gabriel.

— Eu estou namorado.

Paralisei, realmente não acreditei no que estava ouvindo.

— Você o quê? — eu disse olhando pra ele confuso.

— É isso, por isso eu tive essa reação, só tem um mês. Eu fiquei com medo de te contar antes, eu não sabia o que você iria fazer, me desculpe.

— Felicidades ao casal. Eu preciso desligar. — disse isso e desliguei a chamada.

Bloqueei Gabriel e apaguei o número dele da minha lista de contatos.

Peguei o potinho com dinheiro que eu juntava para nosso grande encontro de quando viajaria para vê-lo em Curitiba e espatifei no chão, catei os dinheiros e liguei pra Guilherme.

— Oi, Guilherme? Sou eu, Miguel. Preciso beber.

— Oi, Miguel. Agora?

— Sim, te encontro no bosque. Eu levo as bebidas.

Cheguei no bosque e comecei a beber sem o Guilherme. Liguei de novo e ele disse:

— Oi, Miguel. Desculpa eu tive um problema com minha namorada estamos no hospital. Me desculpa, não consegui avisar. — ele disse nervoso.

— Tudo bem, desculpa eu. Fica bem. — eu disse já com a voz embriagada.

Talvez esse seja o meu fim. Bêbado e sozinho num bosque qualquer de uma universidade.

O dia estava chegando ao fim e eu precisava voltar pra república que, mais uma vez, era o último lugar que eu queria estar no mundo. Mas eu precisava. Sem nenhuma escolha, voltei pra casa, porém dessa vez de *Uber*, estava sem nenhuma condição de pegar metrô ou ônibus. Eu nunca tinha me sentido tão devastado.

Demorei bastante tempo pra me perceber sozinho. Sempre fui uma pessoa com muitos amigos ou pelo menos era o que acreditava ser. A realidade é que eu sempre fui muito amigo de todos os meus amigos, mas no final me deparei sozinho bebendo vinho barato em um bosque de uma universidade.

Algumas coisas são assim mesmo, talvez esse realmente fosse o meu *gran finale*.

Assim que cheguei em casa abri logo o meu notebook para desativar a minha conta no Tumblr, assim eu estaria finalmente livre do Gabriel. Por sorte ou azar quando abri a dashboard apareceu logo de cara um texto. Estranhei, não sigo blogs de textos, então parei e li. Um bom texto, falava sobre coisas que você deve fazer antes de morrer. Um texto enorme dizendo que você pode desistir de tudo, mas primeiro precisa provar as coisas incríveis da vida.

Foi então que percebi que, tenho apenas vinte anos e nem cheguei na metade da minha graduação. Não vivi nem metade da minha vida e estou achando que é o fim do mundo por causa de um garoto? Talvez seja agora, mas eu vou me recuperar.

Talvez esse seja o meu momento.

Não tenho certeza se foi o álcool que fez o texto soar mais impactante ou se foi tudo que aconteceu que fez a minha vida virar de cabeça para baixo. Logo me dei conte que, as férias estavam chegando e eu tinha muito mais do que eu pensava em questão de economia de viagem. E acabei pensando que seria uma boa usar esse dinheiro para fazer uma viagem pela Bahia, é algo que eu sempre quis. Essa era minha chance.

Um pequeno passo para o homem, mas um grande passo na minha jornada.

Lucas e Matheus

Estava eu em casa ontem fazendo minha milésima sessão de terapia — comecei a fazer terapia *online* desde que meu psicólogo se mudou pra Berlim — toda sessão a mesma coisa. Toda vez eu fico questionando o Márcio — meu terapeuta — do porquê os meus amores não darem certo.

Márcio já estava comigo há anos, quando ele me contou que iria embora fiquei devastado, até que ele deu a ideia de fazermos a terapia *online* e isso salvou minha vida, confesso.

O causo da vez é: fui traído pelo meu ex-namorado na festa de fim de ano em Jacuípe.

— Por onde eu posso começar, Márcio. – eu disse suspirando enquanto ainda me acomodava na cama.

— Talvez comece dizendo o que você sentiu quando descobriu que foi traído. — ele disse calmo do outro lado da tela.

— A gente tinha programado essa viagem há dias, sabe? Era pra ser o nosso final de semana perfeito, estava tudo indo bem. E você sabe como era difícil poder sair de casa e fazer viagens assim, antes de meus pais aceitarem minha sexualidade. Planejamos tudo, Márcio. Nunca me senti tão feliz em vinte anos de vida. Era o meu momento. Fui pra casa dele sexta-feira pela manhã e pegaríamos o ônibus de viagem pela tarde.

Parei um momento para poder chorar, toda vez que as imagens vinham na minha mente eu não conseguia controlar.

— Respire com calma, se quiser pegar um copo de água... e continuamos. — Márcio disse enquanto fazia movimentos de respiração.

— Pegamos o ônibus e quando chegamos já era de noite, eu decidi ir dormir, pois estava muito cansado. Foi quando Matheus disse que estava com insônia e me perguntou se tinha algum problema ele ir caminhar na praia, eu disse que não e que se ele precisava de companhia, ele falou que não precisava, então voltei a dormir. Matheus seguiu para praia enquanto fiquei dormindo. São muitos detalhes, Márcio, vou te enviar a mensagem que ele me mandou contando tudo. Sim, ele só me contou tudo ontem, no dia do meu aniversário, quase um ano depois do ocorrido.

Segue mensagem:

[25/12 13:19] Matheus Silva: Oi amor, me desculpe. Eu sei que hoje é o seu aniversário, mas é exatamente por isso que eu decidi que não posso mais esconder de você tudo que aconteceu. Eu te traí. Faz um ano mais ou menos, foi naquela nossa viagem para Jacuípe que fomos pra casa do Beto. Lembra naquela noite que eu disse que estava com insônia e decidi andar um pouco na praia? Foi nesse dia. Me desculpe demorar tanto pra te contar toda a verdade, mas eu não aguentava mais guardar isso. Eu vou te contar como tudo aconteceu se não quiser ler só ignore daqui pra baixo. Eu levantei e fui caminhar na praia, quando cheguei lá tinha um garoto de mais ou menos uns quinze anos, eu não sei... Ele estava sentado sozinho na areia e por um momento eu pensei em voltar pra casa, não sabia quem ele era, não sabia o que ele estava fazendo ali. Mas na hora que decidi dar a volta ele me chamou e eu fiquei sem reação por alguns segundos, mas acabei indo em direção a ele. Cheguei lá e ele estava olhando as estrelas e bebendo, ele me ofereceu e eu aceitei, ficamos ali conversando a noite inteira sobre várias coisas. Esse foi o motivo de eu só ter voltado pra cama de manhã, sim, eu menti quando disse que tinha ido ao banheiro. Nesse meio tempo ficamos embriagados e ele me beijou, no momento, eu fiquei sem saber o que fazer, eu nunca sei né! E quando me dei conta já tinha cedido, já estava retribuindo os beijos e as carícias. Me desculpe por isso, você merece alguém melhor que eu.

— Foi isso que ele mandou, Márcio, e se você estiver interessado no que respondi: **nada**. Eu não tenho o que dizer, é coisa demais pensar que o meu namorado simplesmente me traiu com uma criança e me escondeu isso por um ano inteiro e depois me contou no dia do meu aniversário. Então só o bloqueei e depois dessa mensagem tomei alguns calmantes pra poder dormir o resto do dia inteiro. O que mais incomoda é que tivemos uma virada de ano perfeita e repleta de mentiras, o nosso ano inteiro, na verdade.

— Como sua mãe reagiu sobre você ficar na cama o dia todo? — Márcio perguntou isso porque sabe que tenho problemas com a minha mãe, ela se incomoda um pouco com esses meus horários desregulados nas férias.

— Não disse nada. Nem sei porque, mas ela ficou tranquila em relação a tudo isso. Afinal, eu ia passar o dia com o Matheus então ela não preparou nada.

— Compreendo. Você acha que bloquear ele foi uma boa opção? Porque, de certa forma, você não encerrou um ciclo, pode ser que isso ainda fique voltando de diversas maneiras para sua vida. — eu odeio como Márcio sabe tudo sobre mim.

— Não dava pra terminar, Márcio, o que você quer que eu faça? Dizer a ele que terminamos? Você sabe como o Matheus é difícil, ele ia começar a tentar me fazer ficar. E eu não quero isso.

— Tudo bem. Pense melhor sobre isso. Você tem mais alguma coisa pra me contar agora?

— Acho que não, eu preciso pensar um pouco sozinho para poder refletir melhor sobre o que aconteceu e também talvez seja um bom momento para aquela tão sonhada evolução espiritual. — eu disse rindo.

— Tudo bem, até a próxima sessão.

Nos despedimos. Coloquei uma música e deitei na cama abraçando os meus joelhos contra os meus peitos para poder chorar da minha forma favorita.

Começou a tocar “Chega” da Duda Beat, Mateus Carrilho e Jaloo[4], então desabei. Essa foi a primeira música que eu mandei pro Matheus. É uma música bem animada, é até estranho que eu esteja chorando com essa música, só que me trouxe tantas lembranças de nós dois e eu comecei a me odiar por ter confiado nele, por ter me entregado, por ter amado.

A vida às vezes é dura demais comigo e penso se eu fui escolhido pra sofrer. Eu sei que parece um pensamento muito egoísta e eu tenho tantas coisas boas para ser grato, mas porquê os meus amores nunca dão certo?

Essa dúvida me ronda desde que tenho quinze anos, quando comecei a me entender como bissexual. Para um garoto de uma família conservadora é absurdo ser qualquer coisa diferente do padrão, então comecei a pensar que talvez fosse tudo bem se eu gostasse dos dois sexos.

Quem sabe assim meus pais não me odiariam tanto.

Mas eu me odiei, eu me odiei por ir de encontro com a minha “natureza”. Eu fui ensinado desde pequeno a tentar me encaixar nos padrões que os meus pais e a sociedade falaram ser o correto que quando comecei a entender o que era ser bissexual, eu achei absurdo.

Foi nesse momento que conheci o Márcio, fui atrás dele para que ele pudesse tirar de mim essa vontade horrível de desejar meninos. Mal sabia eu que Márcio era gay. A priori, foi um grande espanto, eu não esperava que pessoas tão bem sucedidas e aceitas na sociedade fossem gays.

Márcio me ajudou a me entender melhor e a me aceitar, por algum tempo eu continuei travado ainda na bissexualidade e meus pais demoraram um pouco pra digerir tudo isso. Com a ajuda de Márcio eles passaram a receber isso de maneira mais positiva.

Passei um tempo ficando com meninas, tentando me descobrir e conhecer meus gostos, alguns bons anos da minha vida fiquei dividido.

Finalmente, quando completei dezoito anos, entrei na faculdade. Comecei cursando bacharelado interdisciplinar em artes. Era quase que um mundo novo. Passei a ter novas experiências e conhecer diversos tipos de pessoas, foi um grande passo na minha vida.

Antes mesmo de completar dezenove conheci o Matheus, nós cursamos algumas matérias juntos no primeiro semestre e depois, no terceiro, nos reencontramos. Foi quando começamos a ficar. Tudo muito rápido, em duas semanas, mais ou menos, já estávamos namorando. E nossos amigos adoravam isso.

A história de Matheus é muito mais simples que a minha, ele se descobriu com 12 anos e desde então ele tem sido ele. Sem amarras e sem interrupções. A mãe dele sempre criou ele sozinho, logo, ela meio que sempre soube. É o que dizem que as mães sabem das coisas. A mãe de Matheus não teve problema com a aceitação, nem suas tias e avó. Ele sempre foi muito tranquilo com isso.

Depois de um ano na faculdade e uns meses namorando o Matheus, comecei a questionar novamente minha sexualidade e agora era bem mais fácil me entender e me aceitar. Eu estava em um ambiente em que todos me aceitariam de qualquer forma. Me redescobri e, dessa vez, me assumi como gay. Meus pais surtaram um pouco, Matheus ficou feliz por fazer parte disso e Márcio vibrou comigo meu renascimento.

Logo depois que comecei a namorar com Matheus foi quando Márcio se mudou pra Berlim. Fiquei completamente perdido, teria que mudar de terapeuta e eu não queria isso, foram anos com Márcio, seria o fim do mundo perdê-lo. Deu tudo certo, graças a terapia *online*, e estamos juntos até hoje. Eu e o Márcio, porque o Matheus...

Eu não quero mandar mensagem pro Matheus, não preciso falar com ele. Um *block* é resposta o suficiente. Não preciso de mais nada. Mas acabei prometendo que iria findar esse ciclo, e eu preciso fazer isso.

[29/12 12:45] Lucas Reis: Oi, Matheus. Me desculpe ter te bloqueado naquele dia sem ter dito nada e ter sumido. Foi infantil da minha parte. Acho que podemos conversar, você gostaria?

Minhas mãos estavam tremendo e eu não queria fazer isso, mas eu precisava, lembre-se: findar ciclos.

Matheus me respondeu na hora, quase, como se ele estivesse esperando.

[29/12 12:45] Matheus Silva: Luke, que bom que você apareceu. Eu queria tanto falar com você, hoje foi muito difícil pra mim, um ano atrás nós estávamos indo viajar nesse mesmo dia. ☹

Eu realmente não consigo acreditar que ele está me lembrando de como ele me traiu e ainda usando esse apelido fofo? Pelo amor de deus...

[29/12 12:46] Lucas Reis: Pois é, Matheus... Engraçado você lembrar do dia em que me traiu, sentiu saudades?

[29/12 12:47] Matheus Silva: Por favor né, Lucas! Eu só lembrei, era nosso primeiro final de semana viajando juntos e eu estraguei tudo.

[29/12 12:47] Lucas Reis: Exatamente, você estragou tudo no nosso primeiro final de semana juntos.

[29/12 12:48] Matheus Silva: Você sabe que se eu pudesse eu faria diferente né? Eu mudaria tudo, Luke. Eu me arrependo tanto. Eu senti tanta culpa.

[29/12 12:48] Lucas Reis: Haha, culpa? Um ano de culpa nas costas, não sei como não ficou corcunda. Enfim, Matheus eu vim dizer que acabou, não quero mais nada com você, nem sua amizade. Espero que lide bem com isso.

Ele saiu do *WhatsApp* e por um segundo eu pensei em ligar.

[29/12 12:49] Lucas Reis: Matheus? Tá tudo bem?

[29/12 12:50] Lucas Reis: Oi?

Comecei a me preocupar com o Matheus, ele sempre foi meio frágil e eu sabia que isso iria deixar ele mal, eu não queria ter essa conversa. Não gosto de ser a causa da crise de ansiedade de outras pessoas. Mas eu precisava fazer isso, não tinha escolha.

Eu decidi dar um tempo pro Matheus e fui fazer minhas coisas.

Peguei um incenso de ervas, acendi e coloquei em um porta incenso de dinossauro que ficava em cima da minha mesinha de estudo que, inclusive, foi Matheus quem me deu de presente de um mês de namoro, era bom demais pra eu me desfazer. Coloquei uma música pra tocar e deitei na cama com a janela aberta. O céu estava com nuvens e o sol não estava tão forte, tinha uma brisa gostosa entrando pela janela. Acabei dormindo.

Quando acordei já era mais de cinco da tarde, decidi ir preparar algo pra comer. Mas antes precisava checar se o Matheus tinha respondido. Chequei as mensagens e nada. Nenhum sinal de vida, nem os dois risquinhos estavam em azul. A foto não sumiu, isso era sinal de que eu ainda não estava bloqueado.

Fui até a cozinha e minha mãe tinha feito bolo de abacaxi — era o

preferido do Matheus — o que era ótimo porque me poupava o trabalho de preparar um lanche. Fiquei pensando: será que eu deveria ligar pro Matheus? Será que está tudo bem?

Quando de repente alguém bate na porta. Tomei um susto leve. Meus pais estavam no quarto, então eu fui abrir. Quando abri a porta me deparei de cara com Matheus — eu sempre disse que deveríamos ter um interfone, eu nunca olho pelo olho mágico, maldita mania.

Fiquei imóvel. Matheus ficou esperando que eu tivesse alguma reação e eu não movi um músculo.

— Eu vou entrar, não quero fazer isso aqui. — Matheus respondeu.

Isso? Isso o quê? — eu fiquei pensando enquanto ele passava por mim e ia em direção ao meu quarto.

— Eu trouxe suas coisas que estavam na minha casa, Lucas. Entendo que você queria terminar e aceito isso. Só precisava me despedir pessoalmente. — ele disse de forma séria.

Tudo bem que era isso que eu estava querendo, mas isso não é uma coisa que Matheus faria. Fiquei preocupado. Estava tudo muito estranho. Quando de repente escuto o barulho de alguém batendo na porta. Era minha mãe batendo na porta do quarto pra me avisar que tinha bolo de abacaxi. Foi então que acordei meio confuso, demorou uns cinco segundos e fui me dando conta de que tinha sido apenas um sonho. Ao menos a parte de que Matheus foi na minha casa e as mensagens... eu acho?

Preciso checar.

As mensagens eram reais. A conversa existiu, nós terminamos. Ufa!

Eu não queria ter que fazer isso de novo, é uma merda.

Mas agora sim já era por volta de quatro da tarde e Matheus não tinha respondido minha última mensagem. Será que ele aceitou numa boa? Fico pensando se eu deveria ligar só pra checar se tá tudo bem com ele. Mas eu acabei de terminar, preciso ser firme na minha decisão.

Estava na mesa de jantar comendo o bolo de abacaxi da minha mãe quando Matheus finalmente ligou e, por um segundo senti um enorme alívio no peito ao saber que estava tudo bem com ele.

— Alô? Matheus? – eu atendi rapidamente dizendo.

Do outro lado da linha a mãe de Matheus estava em prantos, eu comecei a tremer e ficar nervoso.

— Tia Júlia? Está tudo bem? Aconteceu alguma coisa com Matheus? – perguntei desesperado.

— Oi Lucas, me desculpe ligar assim, meu filho. Não é nada com o Matheus, ele está bem.

— Que susto! Eu já estava quase morrendo aqui. – disse com mais calma agora, porém ainda aflito.

— Foi a Mel, ela morreu. – ela disse chorando muito.

Mel era a cadelinha de Matheus desde que ele tinha 9 anos, ela era quase parte da família e Júlia — a mãe de Matheus — sempre foi muito mais apegada a ela do que ele. Mas eu ainda estava confuso porque ela estava me ligando do celular de Matheus.

— Eu sinto muito. Como foi isso? – eu perguntei ainda intrigado.

— Foi atropelada por um carro aqui na rua, ela estava indo atrás do Matheus, mas ele já tinha ido longe. Ele deixou o celular em casa, imagino que esqueceu. Estou te ligando pra saber se ele está com você.

— Entendi. Eu lamento muito pela sua perda. — Matheus não está comigo — mas posso tentar perguntar para alguns amigos e qualquer coisa se ele aparecer eu digo a ele. — eu respondi tentando diminuir o desespero dela.

— Muito obrigada, Lucas. — ela disse desligando.

Logo que desligamos fui mandar mensagens para nossos amigos mais próximos explicando o ocorrido e pedindo que eles entrassem em contato caso soubessem alguma notícia do Matheus, que até então estava desaparecido. Isso estava me deixando muito aflito, principalmente depois de ter mandando uma mensagem terminando com ele, que por sinal, foi a última mensagem que ele visualizou.

Já estava quase escurecendo e eu ainda sem nenhuma notícia do Matheus, comecei a ficar muito preocupado e pensei em sair para procurar, mas onde? Eu não fazia ideia de onde ele poderia estar, só esperava que estivesse vivo.

Passaram algumas horas quando finalmente Matheus dá um sinal de vida:

[29/12 21:30] Matheus Silva: Oi, desculpa o sumiço. Eu precisava de um tempo, estou vivo. Não posso dizer que bem, perdi meu namorado e minha cadela no mesmo dia.

[29/12 21:35] Lucas Reis: Você me perdeu quando mentiu pra mim e me traiu, Matheus. Ótimo que está bem, sinto muito pela Mel. Se cuide.

Eu tinha que findar ciclos.

Precisei ser extremamente frio e fingir que não me importava com o Matheus, só assim ele ia entender que era realmente o fim e eu também precisava disso, não dava pra ceder. Nem mesmo por um instante ou tudo voltaria ao zero.

Eu passei quase a noite inteira acordado pensando em coisas horríveis e me culpando por tudo, principalmente pela morte da Mel. Se eu não tivesse terminando talvez Matheus não tivesse saído e a Mel não teria ido atrás dele. Eu não estava aguentando lidar com tudo isso. Era pesado demais.

Decidi adiantar a consulta com o Márcio. Eu realmente precisava falar sobre tudo que estava acontecendo. As coisas estavam ficando cada dia pior pra mim e eu não tinha com quem conversar sobre isso.

Mandei uma mensagem para o celular dele perguntando se poderíamos marcar a consulta para o dia seguinte, se ele teria algum espaço na agenda. Afinal, era véspera de ano novo e nós só voltaríamos depois das festas.

Foi então que recebi a seguinte resposta:

[30/12 10:30] Márcio Psicólogo: Oi Lucas, aqui é o Diego, marido do Márcio. Me desculpe te informar assim, eu ainda estou passando por todo esse momento e é difícil demais pra mim, Márcio faleceu ontem à noite. Foi infarto. Eu sinto muito. Espero que fique bem, eu sei como vocês eram próximos. Depois que tudo se acalmar posso te indicar um terapeuta que segue a mesma linha que ele.

Meu mundo caiu.

Eu estava literalmente sozinho, perdi todos os meus alicerces, perdi toda a minha base, eu não sabia aonde eu poderia ir. Senti que todo o ar saiu dos meus pulmões e a vida escapou de mim por um segundo.

Esse é o meu fim.

Laís e Thomas

Já se aproximava das 21h e eu estava quase desistindo do encontro. Com certeza era uma boa ideia voltar pra casa. O que eu estava fazendo mesmo? Colocando o resto de dignidade que me sobrou no lixo. Thomas não tinha mandado nenhuma mensagem dizendo que iria se atrasar, e ele sabe que eu odeio atrasos. Odeio esperar, até porque sou sempre muito pontual.

Thomas era um velho amigo que eu conheci em um momento confuso da minha vida e foi uma boa válvula de escape na época, até que, decidimos ficar. Fico me questionando o porquê de eu ter beijado ele naquela noite, um dos meus maiores erros, confesso.

Depois disso, nós só conseguimos nos ver nas férias de fim de ano que era quando ambos voltávamos para casa dos nossos pais que por acaso era na mesma cidade. Da primeira vez que voltamos depois de nosso longo tempo bancando um doce casal de filme adolescente, as coisas foram meio estranhas, brigamos, e ele até me abandonou aqui uma vez. Nesse mesmo lugar. Estou começando a ficar aflita, já se passaram anos e eu ainda tenho medo de ser abandonada de novo.

Eu estava quase desistindo — o que é algo raro — quando Thomas apareceu de longe entre as árvores da pracinha, acenando com a mão direita e na mão esquerda tinha uma garrafa de vinho, provavelmente São Jorge, a gente costumava beber essa água suja quando estávamos juntos.

— Laís, quanto tempo! Continua cada dia mais linda. —

ele disse me abraçando.

— Pare de ser idiota e tire suas mãos de mim, o vinho está gelado. – respondi afastando ele.

— Doce como sempre. — ele disse rindo.

— Mas é claro, meu amor. — disse pegando o vinho.

— Como anda a vida?

— Ah... você sabe, Thomas... — eu disse com um tom de desgosto.

— Não sei não, faz uns dois anos que eu não te vejo.

— Depois daquela noite fatídica que você me abandonou aqui nessa merda de praça sozinha. Fico pensando se é assim com todas as praças do mundo, tu lembra de quando isso aqui era cheio de criança?

— Bons tempos...

— Você já se perguntou e se a gente tivesse namorando? — eu o questionei.

— Laís?! — ele disse interrompendo um gole de vinho que bebia direto da garrafa

— O quê? Diga que nunca pensou?

— Sim, muitas vezes. Mas acho que um cara que faz trigonometria em um parquinho de praça não dá certo com uma garota que usa camisa de banda que nem ouve.

— Pois é... eu também e cheguei à conclusão que não daríamos certo. Inclusive, é tudo questão de conceito, não precisa ouvir, faz parte do meu estilo. — eu respondi o retrucando.

— Vamos caminhar ou podemos sentar, senhorita? — ele disse pegando a minha mão.

— Acho que poderíamos ir naquele lugar que costumávamos ir. Será que já construíram alguma casa lá?

— Espero que não. Seria uma pena perdermos nosso santuário. — ele disse enquanto puxando minha mão levemente.

O céu estava devidamente iluminado com uma lua cheia e muitas estrelas, acho que as estrelas sempre brilham mais em cidades pequenas.

Continuamos andando até o tal santuário que era bem longe por sinal. Eu costumava reclamar muito quando fazíamos esse caminho, sou uma péssima companhia para longas caminhadas. Passa de um km e eu já estou destruída pronta para ser carregada.

— Me desculpe. — ele disse interrompendo os meus pensamentos.

— Desculpe? Por que isso? Você fez algo?

— Eu te abandonei por puro orgulho e vaidade, mas eu era uma criança, você entende, não é? — ele disse ansioso por uma resposta positiva.

— Sim, esquece isso. Já faz muito tempo. Afinal, eu nem estaria aqui hoje caso não tivesse te perdoado, eu acho. Confesso que eu quis ignorar sua mensagem, mas eu vim, não vim? Relaxe. — eu respondi passando meu braço sobre o ombro dele.

Demorei um tempo pra poder desculpar o Thomas, mas uma hora a gente percebe que todo mundo erra e eu também não era uma grande flor do campo que nunca tinha feito mal a ninguém. Então com o tempo eu percebi que não tinha porquê não desculpar ele.

Eu já estava quase morta e sinceramente queria ser carregada por alguém,

nesse momento me dei conta que tínhamos chegado. O lugar continuava o mesmo. O mesmo velho tronco cortado e uma grande velha árvore com algumas folhas secas mais ou menos um metro de distância. Era de fato um belo lugar para ter um encontro romântico, exceto pela falta de iluminação e casa próximas.

Éramos a isca perfeita para algum assassino em série. Sempre brincamos com isso. A gente costumava dizer que algum dia alguém ia nos sequestrar ali e ninguém nunca saberia. O vinho já tinha acabado e eu continuava desejando mais.

Sentei no tronco exausta. Thomas sentou na outra metade e me abraçou, o tempo aqui é sempre frio à noite e eu sempre esqueço de levar um moletom. Meus dentes começaram a bater um no outro e parecia que quanto mais próximo o Thomas ficava de mim, mais frio eu sentia.

Tenho uma teoria para isso, de alguma forma, eu sinto frio quando estou com medo. Não era o melhor momento e eu aparentemente não deveria sentir medo, eu estava acompanhada e não corria nenhum perigo aparente.

Thomas percebeu e decidiu levantar, me ofereceu sua jaqueta. Era uma jaqueta linda, preta e com alguns broches nos bolsos na parte da frente, e atrás tinha bordado nomes das bandas favoritas dele. Definitivamente, umas das melhores jaquetas que eu já tinha visto.

— Bela jaqueta. Sua vó que bordou? — eu perguntei depois de ter olhado todos os detalhes que estava vestindo.

— Sim! Eu também adorei, peguei a ideia no *Pinterest*.[5]

— Uau! *Pinterest*, nem sabia que agora você era um *Tumblr boy*.[6] — eu disse rindo um pouco.

— Bobagem, Laís. Eu só gosto de economizar sem perder o estilo. – ele disse se gabando.

— Qual era a graça desse lugar mesmo? — eu perguntei olhando pros lados.

— Olhe pra cima. — ele respondeu levantando a cabeça.

As estrelas ali pareciam brilhar mais e a lua ficava perfeitamente centralizada e cada vez mais perto a cada encarada que eu dava nela.

— Como podemos esquecer das coisas simples da vida assim, Thomas? — eu perguntei com os olhos marejados. – Eu mudei tanto desde que comecei a faculdade, às vezes penso que não sou mais eu mesma.

— Mas, mas... era seu sonho cursar Direito. — ele disse meio confuso.

— É, eu sei. Mas na época eu achava que Direito era a porta de entrada

para o meu grande sonho: mudar o mundo e defender pessoas boas.

— Você já está quase lá, faltam mais, o quê, uns dois semestres?

— Na teoria sim, mas as coisas têm ficado complicadas e eu tenho ficado cada vez mais desanimada. Quero largar o curso, mas meus pais me matariam, você sabe.

— Eu sei. Sinto muito, mas pra tudo tem uma solução. — disse enquanto me abraçava tentando me confortar.

— A vida é estranha, ela acontece exatamente como a gente não planeja, mas eu sou obcecada em fazer planos e não consigo lidar com a falta de controle das coisas, acaba sendo muito difícil pra mim ter que lidar com a vida se ela nem sabe lidar comigo sabe, Thomas?

— Não entendi muito, mas tenho uma ideia. — ele disse animado.

— Que ideia exatamente? – disse receosa.

— Podemos ir pra minha casa e assistir algum filme enquanto comemos o melhor brigadeiro do mundo, que é o meu. Eu posso comprar um vinho melhor dessa vez, se você prometer fazer a pipoca caramelizada. — ele disse quase que sem parar todo o plano infalível dele.

— Certo, eu topo. Mas precisamos prometer que não podemos fazer nada.

— Tá bom, eu juro de dedinho. — ele disse levantando o dedo mindinho.

— Lembra da época que eu tinha medo de ir na sua casa...

— Porque tinha medo de que minha vó achasse que a gente estava namorando. — ele completou depois de me interromper.

— A gente era tão bobo. — eu continuei.

— Mas ela disse ter certeza de que a gente namorava depois daquele dia que ela me ligou quinze vezes e eu fingi não ter visto, porque queria poder beijar você por mais alguns minutinhos. – ele disse rindo.

Passamos no mercado — o único aberto — afinal já era quase meia noite. Depois fomos direto para casa do Thomas. Tentei entrar de fininho pra não acordar ninguém e fomos pra cozinha.

É claro que o plano de não acordar ninguém ia dar certo com nós dois na cozinha fazendo pipoca e brigadeiro.

— Por que você está andando assim? — Thomas questionou depois de ter percebido minha descrição.

— Ué?! Sua vó... sei lá? – eu respondi confusa.

— Ah sim... ela está dormindo na casa da minha tia essa semana. – ele disse rindo de mim e batendo duas tampas de alumínio.

Ótimo! Agora definitivamente as coisas iriam dar errado, não tinha mais

porque dar certo. Estávamos sozinhos dentro de uma casa vazia.

Eu tentei não alimentar os pensamentos invasores e comecei a fazer a pipoca, enquanto isso, Thomas fazia o brigadeiro na boca do fogão ao lado da minha. Isso só podia dar errado. Mas deu tudo certo. Ufa!

A pipoca ficou pronta. Fomos pro quarto e eu infelizmente deixei Thomas escolher o filme e de forma nada surpreendente ele escolheu *Aliens* [7] o pior filme já existente na face da terra, ou quase isso, mas pelo menos eu definitivamente não teria nenhuma vontade de ficar com ele ou qualquer coisa do tipo.

**Nota da autora: os fãs de Aliens que me perdoem, mas esse filme é tão ruim que nunca consegui assistir todo.*

— Eu não acredito que você está escolhendo esse filme. Você me odeia? – eu disse indignada.

— Querida Laís, esse é um filme clássico e você precisa apreciar clássicos. — ele disse tentando me provocar.

Me sentei na cama e comecei aquela grande tortura. Até que eu decidi ir buscar o brigadeiro e mandei uma mensagem de texto pra minha mãe avisando que iria demorar um pouco hoje porque estava na casa do Thomas. Essa era a minha assinatura no contrato para o papel de trouxa. É realmente o fim ter que avisar que estou na casa de um ex-quase-namorado que ferrou com a minha cabeça anos atrás.

Peguei o brigadeiro e voltei pro quarto. Quase soltei o prato no chão quando me deparei com Thomas nu na minha frente, sorrindo maliciosamente. Durante um segundo eu pensei: bom, posso dar meia volta e ignorar isso ou posso tirar fotos dele e poder usar contra ele depois.

— O homem nu! De *How i meet your mother*, sua série favorita – ele disse dando gargalhadas.

— E você pensou que só porque está no Manual de Conquista do Barney [8] você deveria fazer. Porque com toda certeza funcionaria e você ia ser um grande garanhão. – eu disse com uma cara de decepção.

— É... me desculpe. Era pra ser meio que engraçado, eu acho. – respondeu constrangido.

Mas até que Thomas era um gatinho, tinha algumas belas qualidades ali que poderiam ser aproveitas e eu sei que é o vinho falando mais alto, mas por que não? É só uma noite, uma ficada e tchau. Não é nada demais.

— Quer saber? Eu topo. — eu disse convicta de que não tinha como dar errado.

Mesmo que tivesse uma voz dentro do meu peito gritando: Não faz isso. Deixa ele se vestir. É uma péssima ideia.

O problema todo é que eu não costumo escutar as vozes, não importa de onde elas vêm. Além do mais, o que eu tinha a perder? Nada. Tá tudo bem, só vai.

A gente começou a ficar quando de repente Thomas me solta um:

— Sinto saudade da gente junto.

Por que ele está fazendo isso? É a merda de um encontro casual e depois daqui não vamos mais nos ver, ele não pode alimentar minhas expectativas e depois ir embora de novo. Eu não posso permitir isso.

— Eu também sinto, mas eu tenho medo. – eu respondi com toda sinceridade possível.

— E se a gente tentasse de novo? — ele disse olhando direto no fundo dos meus olhos.

— Como assim? É sério isso? — eu respondi meio nervosa.

— Claro, Laís. Eu sempre gostei de você.

Era uma péssima ideia, mas eu não podia virar as costas pra chance que a vida estava me dando de dar certo com alguém. Temos várias coisas em comum e somos até um casal bonitinho e, além do mais, não tem nada que me impeça de ficar com ele, né. Somos solteiros e podemos lidar com a distância. Não é o fim do mundo.

Pronto! Eu estou pensando em namoro enquanto o garoto me beija. Talvez seja só o efeito do álcool, amanhã ele vai se arrepender, tenho quase certeza.

Continuamos ali e foi uma noite até que surpreendente. Eu não esperava isso, fiquei me questionando o que teria acontecido se eu tivesse ido embora. Se eu não tivesse esperado Thomas. Será mesmo que ele estava indo me ver? Mas é claro que sim, ele tinha vinho. Era pra gente. Por que eu fico pensando nessas coisas?

Tá bom! Respira, você precisa relaxar. Eu ficava repetindo isso mentalmente. Até que decidi ir ao banheiro pra lavar o rosto, estava ficando muito nervosa.

Quando levantei quase tropecei em algo no chão, era o celular de Thomas. Provavelmente tinha caído do bolso. Nada demais.

Comecei a pensar: e se eu pegar o celular dele? E se eu olhasse rapidinho. E se? E se?

Pronto. Agora já era, peguei o celular e precisava de senha. Era um sinal

de que eu deveria sair dali. Eu estava largando o celular de novo quando apareceu uma notificação na tela de bloqueio:

Amor: Oi meu amor!!!!!!!!!! Estou com saudade, acho que está dormindo né? E aí, como foi o encontro com seus amigos hoje? Me liga quando puder, estou pensando em ir te ver!

Não pode ser. Eu não estou lendo isso. Não pode ser, deve ser engano, é engano.

Até que chegou outra mensagem:

Amor: Espero que você não tenha bebido muito, Thomas. Você sabe que não te faz bem.

Certo. Eu era uma idiota e agora amante que ajudei o babaca do Thomas chifrar a namorada dele de outra cidade que não sei nem quem é ela possivelmente nem deve saber quem eu sou, muito menos que ele saiu comigo.

Eu poderia tirar satisfações e questionar porque ele tinha sido tão escroto comigo de novo. Mas dessa vez eu percebi que não valia a pena.

Peguei minhas coisas e fui embora.

Sofia e Arthur

Era uma manhã comum, eu tinha me levantado e começado a preparar as encomendas do dia. Arthur e eu tínhamos brigado na noite anterior porque ele chegou em casa bêbado mais uma vez e, sinceramente, eu já estava exausta dessa situação.

Já tinha alguns meses que ele chegava em casa nessas condições e geralmente a gente brigava, o que me fazia repensar nosso relacionamento a cada discussão.

Comecei a preparar os donuts para entrega das oito horas e depois fui responder alguns clientes. Estava um pouco cansada ainda da noite mal dormida e eu nunca quis tanto que chegasse o fim do dia, o que é uma pena, porque eu tenho muitas encomendas para hoje.

As coisas começaram de uma forma simples, eu mesma fazia meus donuts e levava pra vender na escola, mas então acabou, completei o ensino médio, e agora? As faculdades são muito caras e gente pobre não faz gastronomia.

Eu tinha juntado tudo que eu tinha guardado em três anos e decidi que iria abrir um delivery. No começo meus pais me ajudaram e foi logo quando eu conheci Arthur, nessa época ele ainda não tinha problemas com bebida. Ele me ajudou em tudo, desde escolher o estabelecimento até arrumar as prateleiras com as primeiras remeças para venda.

Nosso relacionamento não era perfeito, nós tínhamos desavenças como todo mundo. Mas, com o tempo, Arthur começou a achar pesado demais o fato de ele ficar trabalhando pra mim. O que é ridículo, porque eu sempre disse que erámos sócios e seria ótimo ter ele comigo. Arthur pretendia cursar ciências contábeis; ele só precisava passar numa faculdade pública.

Demorou um pouco, mas logo na segunda tentativa ele passou.

Ele me ajudava com toda parte de contabilidade e a entender melhor algumas coisas dos negócios da empresa que estavam cada dia mais extensos. Começamos a precisar de mais funcionários e logo depois que meus pais se mudaram pro interior, me deixaram a nossa casa, que era pertinho da loja. Estava tudo indo muito bem, tínhamos o lugar ideal e os funcionários eram incríveis, éramos como uma grande família.

Estava na cozinha da loja quando Arthur me ligou.

— Sofia, eu preciso falar com você. — Ele disse, apreensivo.

— Estou ocupada agora, amor. O dia está super cheio hoje, está tudo bem? – eu perguntei.

— É urgente, eu preciso que você venha pra casa agora. —insistiu.

Eu fiquei tão assustada que nem dei uma resposta, apenas pedi pra Cláudia tomar conta da loja pra mim, pois eu não sabia se eu voltaria hoje.

Peguei minhas coisas e fui correndo pra casa.Cheguei em casa e encontrei Arthur sentado no sofá com alguns papéis, minhas mãos começaram a tremer. Eu pensei o pior. Comecei a suar frio. Quase tenho um piripaque ali mesmo.

— Arthur, o que aconteceu? — eu questionei, aflita.

— Sofia, eu tenho um filho. — disse, sério.

— Como assim um filho? — perguntei, incrédula.

— Alguns meses atrás, eu te traí e engravidei uma amiga da faculdade, hoje eu descobri que ela está grávida e o filho é meu. — ele disse tranquilamente

Meu mundo tinha caído. O chão se abriu e eu queria poder dizer que isso aconteceu de forma literal, porque tudo que eu queria era entrar num buraco e não sair de lá.

Como assim isso estava acontecendo comigo? Por que? Um filho? Não pode ser! Nós tínhamos planos pro casamento daqui a dois anos. Estávamos juntando dinheiro.

Eu comecei a pensar se Deus não estava me dando um livramento. Eu preciso confessar que Arthur tinha se tornado um péssimo companheiro e ele ainda não tinha me batido porque eu não permitia, mas uma hora ou outra eu tenho certeza que iríamos acabar nisso.

Deve ser a melhor coisa, eu comecei a pensar.

Me sentei no chão da sala. Estava perdendo todo o ar que achava que tinha dentro dos meus pulmões, minhas mãos estavam formigando, meus pés também, todo meu corpo começou a formigar. Eu comecei a sentir um desespero, uma vontade de vomitar, meu corpo estava gelado e eu estava ficando cada vez mais pálida.

— Sofia! Sofia você está bem?! — Arthur se aproximou assustado perguntando isso.

Eu não conseguia responder nada. Eu sentia alguma coisa subindo e eu achava que ia vomitar ali mesmo. Perdi o controle e vomitei na blusa do Arthur. Eu nem tinha comido nada no café da manhã, saiu só aquele líquido

maldito que faz nossa garganta ficar doendo depois.

Ele estava com uma camisa do Capitão América que eu tinha dado pra ele no natal do ano passado, era uma das camisas que eu mais achava bonita nele.

Tudo começou a ficar estranho e eu senti um leve arrepio antes de sentir minha visão escurecer.

Quando acordei eu já estava deitada na cama e Arthur estava sentado do meu lado com o rosto ainda assustado. Acho que desmaiei. Ainda estava tudo muito confuso. O que estava acontecendo?

Arthur pai de uma criança que não é minha, eu não sei se dou conta disso. Seria melhor terminar tudo agora, era o melhor momento. Não posso ser a responsável por uma criança crescer sem um pai. Não tenho como fazer isso com a pobre garota que possivelmente nem sabia da gente.

O que é uma prova concreta de que ele evitar usar redes sociais e não postar nada da gente nas duas únicas que ele usa, só confirma meus questionamentos de que ele fazia isso pra fingir que não tinha ninguém. Ao menos, ninguém dentro do ciclo de amigos da faculdade. Porque todo o resto sabia do nosso namoro.

Esse não era um bom momento pra ficar pensando esse tipo de coisa, mas eu ainda precisava digerir toda essa situação.

Quando me dei conta, abri os olhos novamente e quando olhei pro lado não tinha ninguém. Arthur tinha sumido e eu ainda estava com a roupa que eu coloquei ontem antes de dormir: o meu velho e surrado pijama favorito, era uma camisola se você for como a minha mãe e diferenciar esse tipo de coisa. Um blusão enorme que já estava meio amarelado por causa do tempo e tinha alguns desenhos de uma boneca que eu nem sei o nome.

Não é possível que tudo isso tenha sido um sonho, seria o sonho mais doido da minha vida, eu realmente não estava acreditando.

Levantei e fui tomar um banho. Quando entrei na cozinha, Arthur estava lá de cueca box, com aquela cueca box cinza que valoriza a bunda redonda dele.

Dei um bom dia sútil e perguntei se ele tinha alguma coisa nova para me contar. Será que eu dormi depois do ocorrido? Eu estava confusa.

— Amor? Amor? Amor?! — Arthur estava dizendo enquanto estalava os dedos na minha frente.

— Hum, oi... o quê? — eu respondi meio aérea.

— Você que ficou toda estranha do nada. Perguntou se eu tinha algo pra

dizer, o que foi? Você tá bem? — ele disse se aproximando pra me dar um beijo.

Eu sai da cozinha sem responder nada. Minha mente estava me pregando peças. Eu estava muito confusa com tudo isso, não é possível que eu consegui imaginar tanta coisa assim.

Decidi ligar pra minha mãe e contar o que aconteceu. Definitivamente era o sonho mais louco da minha vida toda. Sim, era um sonho. Descobri isso quando peguei o celular pra checar as mensagens e ligar pra minha mãe, ainda era segunda-feira e é estranho porque não abrimos a loja na segunda.

Contei tudo pra minha mãe e me certifiquei se Arthur não estava ouvindo. Ela só me disse que eu poderia ter tido uma visão, ficou dizendo que eu era a nova vidente da família. Sinceramente, ela estava me caçoando, dentro de uma situação completamente fodida ela estava tirando sarro.

Bom, um sonho ou não, me fez repensar o meu relacionamento com Arthur. Fazia meses que ele começou a chegar em casa bêbado. A gente estava brigando todos os dias e não aguentava mais ele dizendo como se sentia impotente em estudar enquanto eu tinha que ficar na loja cuidado de tudo.

Eu não o culpo pelo machismo enraizado, mas eu o culpo por não tentar mudar isso. Nosso relacionamento cada dia afundava e as coisas estavam ficando cada dia mais frias.

No começo era tudo diferente. Nós saiamos quase todos os finais de semana, nem que fosse pra visitar alguns amigos e também tem essa coisa das fotos nas redes sociais, porque ele esconde tanto nosso namoro?

Já faz quatro anos que nós estamos juntos, quase cinco. Eu já tenho 22 anos e estou presa dentro de um relacionamento com um homem que eu achei que eu amava, mas agora comecei a me questionar se esse amor vai me levar pra algum lugar.

Arthur está no último ano da faculdade e até hoje não procurou um estágio sequer, não que eu me importe; a vida é dele, e, além do mais, ele ajuda na empresa, mas é inadmissível essa situação. Esse machismo descabido dele quando fica falando sobre eu ser dona de um pequeno negócio e sustentar a casa com esse dinheiro enquanto ele só estuda e me ajuda com algumas coisas.

Estava decidida, vou contar pra ele que quero terminar e vou dar um tempo pra ele ir embora da minha casa, até porque, até isso ele fazia questão de lembrar.

Certo, ele tinha razão. Eu estava casada com um Zé ninguém.

Eu nunca me importei com isso até que ele começou a apontar a loja como um grande problema, o fato de eu ter conseguido algo na vida antes dele, o apoio dos meus país e tudo ter dado certo. Claro que eu tive muitos perrengues, mas foram essenciais para eu estar aqui hoje.

— Arthur, eu preciso conversar com você.

— Claro, amor. O que foi? — ele disse se aproximando da mesa.

— Acho melhor a gente terminar, eu tive um sonho...

— Sonho? Lá vem, Sofia. — ele me interrompeu debochando.

— Não importa. Eu quero terminar. Não estou vendo mais futuro na nossa relação e a forma que você tem agido nos últimos meses não está e fazendo bem, pensei muito e tenho certeza que essa é a melhor opção. — eu disse firme.

— So-Sofia? — ele disse se enrolando nas sílabas.

— É isso, você pode ficar aqui um tempo até achar um lugar legal ou voltar pros seus pais, mas eu não quero mais namorar. — eu disse e levantei da mesa.

Não tenho ideia de onde tinha vindo toda essa força e nem porque eu tomei essa atitude com paz no coração, mas se Arthur não aguenta a mulher que eu sou, ele não me merece.

Talvez no começo seja difícil. Com certeza é. Findar um ciclo é sempre difícil, mas eu preciso disso. Eu preciso fazer isso. Por mim.

Já era por volta de quatro da tarde quando Arthur entrou no quarto e começou a tirar as coisas dele e arrumar em uma mala.

Confesso que ver aquela cena partiu meu coração, mas eu sei que eu ficaria bem. Meus pais iriam ficar muito tristes, eles adoram Arthur, mas tenho certo que irão me dar suporte como sempre, eu não preciso voltar atrás. Minha decisão foi tomada.

Deixei que ele pegasse as coisas dele com calma, fui tomar um banho. Tinha sido um dia longo e cansativo e amanhã eu tinha muito trabalho pra fazer.

Antes de entrar no box eu coloquei uma música pra tocar, eu gosto de ouvir música enquanto tomo banho, é extremamente relaxante.

Quando abri os olhos, percebi que Arthur estava do lado de fora me observando, eu estranhei. Então fiz sinal com as mãos dizendo que já estava saindo.

Abri o box e perguntei o que ele queria ali, eu queria tomar banho e

quando terminasse a gente poderia conversar.

Ele continuou parado na minha frente sem dizer nada, comecei a ficar assustada.

— Arthur, o que foi? Aconteceu alguma coisa? — eu perguntei meio nervosa.

— Você não pode terminar comigo, por favor. Sofia, eu não posso ficar sem você.

Eu nunca imaginei que Arthur fosse esse tipo de cara possesivo que não sabe lidar com términos de relacionamento.

Comecei a ficar mais assustada ainda e pedi pra que ele saísse e que logo eu conversaria com ele. Enquanto na minha mente eu só tinha um pensamento: por que você não fechou a maldita porta?

Arthur começou a se aproximar, então eu tentei sair do banheiro quando ele me puxou e jogou meu corpo contra parede e continuava dizendo que eu não podia deixar ele.

— Arthur, por favor, pare com isso. — implorava já em prantos.

— Você não pode me deixar, Sofia, eu te amo. — ele dizia, enquanto pressionava mais ainda os meus braços.

Eu sabia que isso ia acontecer, ele estava cada dia pior. Isso era culpa da bebida, o hálito estava inconfundível, era álcool puro.

O medo começou a tomar conta de mim, então eu decidi ceder. Era a melhor opção, dizer que ficaria com ele e depois eu resolveria isso em outro ambiente.

— Certo, amor. Eu fico com você, podemos conversar sobre isso depois, mas por favor me solte. — eu disse suavemente.

Ele me abraçou desesperado e começou a chorar, então quando ele me soltou eu tentei correr, foi o meu primeiro impulso e o meu maior erro.

Quando eu tentei fugir pela segunda vez ele me puxou com mais força e eu nem tinha conseguido pôr o pé pra fora do banheiro. Comecei a pensar em gritar, talvez alguém escutasse, mas ao mesmo tempo eu não queria ninguém comentando sobre isso depois.

Meus pensamentos foram interrompidos quando ele arremessou meu corpo contra a porta de vidro do box do banheiro, que acabou se espatifando.

A última coisa que eu vi foi Arthur ficando cada vez mais distante de mim por conta do meu corpo que caía no chão do banheiro.

Clarice e Robert

A noite estava fria como de costume — é sempre assim nessa época do ano aqui no interior — e as estrelas no céu eram as minhas únicas companheiras. Tinha sido um dia difícil pra mim, briguei com meu namorado que nesse momento está a km de distância e minha melhor amiga está em algum lugar com o noivo.

Não me recordo ao certo o motivo da briga, mas era alguma coisa sobre eu ter que prolongar a minha viagem porque meu pai pediu que eu ficasse mais tempo com as minhas irmãs.

Eu estava sentada na ponta da ponte que ficava no laguinho da praça, quando um garoto apareceu. Nunca tinha o visto por aqui. Ele estava com uma camisa amarela de manga, com alguns nomes quase ilegíveis rabiscados em preto, e um desenho no canto superior direito de alguém que segurava um baixo.

Ele se sentou do meu lado logo depois de pedir permissão para tal. Eu só concordei que sim com a cabeça, não estava muito a fim de conversa e imaginei que se eu agisse de uma maneira mais fria ele logo iria embora. Engano meu.

Robert tinha um cabelo cacheado meio castanho escuro, sua pele tinha cheiro de morango e seus olhos eram um tom de verde escuro que eu nunca tinha visto antes. O vento arrastava aquele cheiro direto pro meu nariz e era impossível não saborear.

Fechei os olhos e tentei ignorar a presença dele, só que ele não parava de falar. De repente, ele começou a conversar comigo e me contar sobre uma tal banda chamada Sticky Fingers. Que provavelmente ninguém conhece, mas ele falava de forma tão animada que eu sentia as palavras dançarem entre nós dois numa ponte invisível que ficava entre a sua boca e meus ouvidos.

Decidi dar uma chance, suponho que já fazia uns dez minutos desde que ele chegou, e eu não tinha dito nenhuma palavra.

— Clarice, prazer. — eu disse enquanto suspendia a minha mão esquerda em direção a ele.

— Robert. — ele respondeu com um sorriso leve que destacava seus dentes tortos.

Ele continuou falando da tal banda australiana e disse que a música favorita dele era “Caress your soul”. Logo em seguida colocou pra tocar no seu celular – que ficou entre nós – e tinha a foto de uma porta com o número 221B em dourado, logo reconheci, Sherlock. Comecei a imaginar que seríamos bons amigos. Ele curte uma boa música, aparentemente também é fã de Holmes, tem um bom estilo e cheiro de morango.

Definitivamente é o tipo de amigo que eu gostaria de ter, principalmente nesse exato momento, que estava sozinha e tinha sido abandonada pela minha melhor amiga e meu namorado estava irritado comigo.

Eu queria tanto chorar, mas seria tão vergonhoso fazer isso na frente de um estranho. Decidi que poderia controlar minhas emoções.

— Tá curtindo? – ele me perguntou

— Sim, parece ser uma boa banda. Legal seu papel de parede. — respondi, apontando para o celular.

Chegou o refrão da música e ele começou a cantar junto:

To think that I would hurt you baby
I only need you near now don't be crazy
There'll be no otherwise
And no more other guys
Warm your hands with mine
I'll take you home...

Foi até fofo, o entusiasmo dele com a sua música preferida era algo a ser admirado. Eu aplaudi soltando uma leve gargalhada, afinal, ele não era um dos melhores cantores que eu já ouvi.

— Foi uma boa apresentação, mas acho melhor eu ir, está ficando tarde. — eu disse me preparando pra levantar.

— Se você pudesse ficar mais, tenho inúmeras bandas boas para poder te mostrar. — ele disse levantando o celular e mostrando um compilado de Playlists no Spotify.

Era uma proposta tentadora, confesso, mas eu realmente precisava ir embora antes que as coisas saíssem do meu controle.

Só que Robert era um bom persuasor e o cheiro de morango, aqueles olhos, era como se ele tivesse algum tipo de ímã que me fizesse querer ficar.

Logo que aceitei o convite e decidi que não seria tão ruim assim eu ficar, começou a chover. Talvez fosse um sinal do universo para que eu fosse pra casa. Mas não, continuei escutando a voz do diabinho dos olhos verdes que estava do meu lado e aceitei mais uma vez seu pedido.

Só que dessa vez ele me convenceu a irmos para sua casa que ficava na rua de trás. Era com certeza muito mais próxima do que a minha que ficava há mais ou menos três quarteirões dali. Estava ficando frio e ele me ofereceu abrigo no meio de um temporal, não tinha motivos para recusar.

Fomos para casa dele correndo e pulando as duas poças que encontramos no caminho.

Chegando lá, ele me ofereceu uma toalha e uma blusa seca, já que a minha tinha ficado molhada por conta da chuva. Era só uma camisa, não tem nada demais em aceitar.

Mas tinha algo demais, logo depois que me sequei e vesti a camisa, percebi que o cheiro de morango vinha de suas roupas e não de sua pele, ou talvez fosse algum tipo de mistura dos dois.

O quarto dele tinha cheiro de incenso. A porta do quarto era de madeira e tinha muitos rabiscos, iguais os da camisa. Talvez ele tivesse feito os rabiscos na camisa e na porta. Um artista, eu pensei. Na parede ao lado da cama tinha um baixo pendurado por alguma coisa e uma corda quebrada. Será que ele toca ou é só enfeite? Eu tenho um violão e não toco.

De repente meu celular começou a tocar, era Lia. Minha melhor amiga que tinha me abandonado há horas tinha lembrado de mim por algum motivo e agora eu tinha que atender porque possivelmente ela estava em apuros como sempre.

Atendi o telefone e Lia estava em prantos do outro lado da ligação, eu fiquei muito assustada, até que ela começou a rir de mim dizendo que eu caio muito fácil nesses joguinhos dela.

Lia estava bêbada como sempre, parece que ela e Lucas só fazem isso quando estão juntos.

Perguntei se ela precisava de mim e disse que estava na casa do Robert, que era um menino que eu tinha acabado de conhecer e tinha me dado abrigo por conta da chuva. Lia começou a se embolar nas palavras e disse que era pra eu ficar onde eu estava e demonstrou alívio quando soube que eu estava segura. Tinha caído uma árvore na nossa rua e meu pai não conseguia falar comigo. Ela ia recomendar que eu fosse pra casa de alguma amiga e só voltasse quando amanhecesse.

Quase nem acreditei, uma chuvinha dessa e o caos se instaurou. Problemas de uma cidade pequena, pensei logo após desligar.

Liguei pro meu pai em vão, pois ele não me atendeu. Até que liguei pra minha irmã mais nova e confirmei toda situação. Fiquei um pouco assustada,

confesso, às vezes esqueço como é essas coisas de cidade do interior.

Faz tanto tempo que eu e minha mãe nos mudamos para a capital e logo depois meu pai casou com minha madrasta, acabou que ficou por aqui, o que me faz ter que ir e vim com frequência.

Eu ainda nem tinha pedido ao Robert pra ficar na casa dele e já estava com planos. Desliguei a ligação com a minha irmã e fui perguntar a ele se tudo bem uma estranha passar uma noite na casa dele.

— Então, aparentemente caiu uma árvore na minha rua e me recomendaram não voltar pra casa nessa chuva, será que eu poderia ficar aqui? – eu disse com uma expressão meio constrangida no meu rosto.

— Mas é claro, Clarice. Eu posso dormir no sofá e você fica na minha cama, sem problemas. — ele respondeu receptivo.

Era uma boa ideia aceitar a cama dele, afinal eu odeio dormir em sofá.

Robert e eu ficamos conversando um pouco, até que eu comecei a perceber que ele estava meio cansado, ele comentou que era só o costume de dormir cedo, pois gostava de acordar cedo. Então, eu entendi que aquela era a minha deixa.

Nos despedimos e ele me acompanhou até o quarto, me deu uma coberta e disse que eu poderia chamar ele se precisasse de alguma coisa.

Antes de sair ele mexeu no guarda-roupa procurando algumas coisas que ajudassem a estadia dele no sofá ficar menos insuportável. Nesse momento eu quase abri mão da cama, mas eu realmente não queria acordar com as costas doendo.

Robert saiu e eu me ajeitei na cama, foi quando recebi uma ligação do Pietro, mas recusei.

Logo em seguida, ele mandou uma mensagem:

[23/5 00:05] Pietro s2: Clarice, precisamos conversar.

Era um péssimo momento atender meu namorado depois de uma briga e ainda ter que explicar que eu estava dormindo na casa de um estranho. Pietro não era do tipo que se importava com essas coisas, mas eu era e eu não iria gostar que ele fizesse isso comigo.

Liguei pra ele e perguntei o que tinha acontecido. Ele disse pra eu me sentar e perguntou se minhas irmãs estavam no quarto. Eu disse que não e expliquei toda situação, contei onde eu estava e o que tinha acontecido, ele fingiu entender, mas senti que ficou desconfortável com aquilo.

A questão era que o foco da situação não era eu, mas sim ele. Então ele continuou dizendo:

— Eu te traí.

Perdi o ar e o celular caiu da minha mão na cama, fiquei inerte por dois segundos, depois recuperei o celular e coloquei novamente no ouvido.

— Como é que é? — eu o questionei.

— Isso mesmo. A gente brigou e eu fui pra uma festa com uns amigos, aconteceu. — ele respondeu com um pouco de culpa mas ao mesmo tempo com normalidade.

Aconteceu, foi isso que ele me disse. Aconteceu, como se fosse algo que não estivesse no controle dele, só aconteceu e não tinha o que ser feito, ele nem me pediu desculpas. É como se eu tivesse que aceitar que algo tivesse acontecido e ele não tivesse nada a ver com isso.

— Clarice? — ele disse, checando se eu ainda estava na chamada.

– Sim, Pietro. Você por acaso quer me dizer o que aconteceu? — respondi.

— Tinha essa menina lá, ela era muito gata e eu estava bêbado, a gente tinha brigado e eu não pensei na hora. Fomos pro banheiro, a gente estava na casa de um amigo, eu já a vejo nas festas há um tempo e rolou.

— Como assim rolou? Rolou o quê? Aliás, quer saber? Me poupe dos detalhes. — eu disse desligando a ligação.

Desliguei meu celular. Encostei na parede e comecei a chorar que nem uma criança. Foi quando Robert entrou no quarto pra saber se eu precisava de algo e se deparou com essa cena.

Ele se aproximou e não fez muitas perguntas, só pediu permissão para me dar um abraço e eu não disse nada, apenas consenti com a cabeça. Era tudo que eu precisava, alguém que pudesse me abraçar e dizer que tudo ficaria bem, esse papel deveria ser da Lia, mas ela não estava aqui, como sempre.

— Quer um pouco de água? — Robert me perguntou quando percebeu que eu já estava soluçando de tanto chorar.

Eu disse que sim com a cabeça.

Ele voltou com a água.

— Você me conheceu num momento estranho da minha vida. — eu disse depois de beber toda água do copo.

— Aquele em que não falamos o nome do clube? — ele perguntou.

— Meu Deus! Você é um gênio. — eu disse dando um sorriso em meio as lágrimas.

Definitivamente, Robert era uma das melhores pessoas que eu tinha conhecido em toda a minha vida, porque, sinceramente, ele entende as

minhas referências e ainda é fã do Sherlock, somos almas gêmeas perdidas.

Agora eu posso dizer que tenho interesse em um garoto estranho sem nenhuma culpa, já que o idiota do meu namorado tinha me traído com uma garota aleatória.

Comecei a me questionar: Quantas vezes ele não deve ter feito isso? Quantas vezes ele já não me escondeu coisas? Essa atitude com certeza iria se repetir, se já não se repetiu, a melhor coisa que eu poderia fazer era terminar com ele. Mas eu tenho tanto medo, é difícil tomar esses tipos de atitude.

No momento me sinto entorpecida por causa da presença de Robert mas, ao mesmo tempo, sei que quando eu voltar pra casa e a ficha realmente cair estará tudo uma merda de novo e eu preciso reconhecer que sou completamente dependente do Pietro, como daquela vez que ele quase me traiu e disse que não fez, mas pegou o número da menina em uma festa, era pra eu ter cortado tudo isso ali.

Estava ficando tarde e eu precisava dormir, seria um longo dia com toda certeza. Um longo dia que eu não estava pronta para viver.

Robert disse que estaria na sala se eu precisasse de qualquer coisa.

Eu deitei na cama novamente, me enrolei com aquelas cobertas que tinha cheiro de morango e comecei a chorar outra vez. Me senti sozinha, era uma das piores sensações que nós seres humanos podemos sentir, o vazio.

O vazio é uma coisa desesperadora e alguns dias eu sinto que talvez seria melhor se eu deixasse ele me consumir ao invés de aceitar que nós dois estamos quase que quebrando a lei da física fazendo dois corpos ocuparem o mesmo espaço.

Demorei bastante tempo pra dormir, mas peguei no sono.

Quando acordei pela manhã, Robert já tinha preparado um café pra mim. Tinha uma mesinha redonda na cozinha, coberta com uma toalha quadriculada vermelha e quatro cadeiras em volta.

Ele tinha feito Waffles com alguns morangos que por acaso era o meu café favorito quando eu tinha oito anos. Minha mãe me deixava ajudar ela com a massa e meu pai deixava eu lavar os morangos, talvez essa seja a nossa última lembrança feliz.

Tinha também café e misto quente na mesa.

— Bom dia, flor do dia. — Robert apareceu puxando a cadeira pra mim.

— Oi, desculpa o incômodo. Não precisava se preocupar comigo. – eu disse limpando os olhos.

— É um prazer, eu adoro fazer café da manhã. Sente-se por favor. — ele

disse apontando para cadeira.

Sentamos e comemos, estava tudo uma delícia, de fato Robert era um grande cozinheiro.

Estava perto das dez horas da manhã quando eu disse que precisava ir pra casa, mas que poderíamos nos ver em breve.

Agradeci pela estadia e fui acompanhada por Robert até a porta.

Até então eu não tina ligado meu celular, nem queria. Talvez se eu fingisse que o problema não existia, eu não precisasse enfrentá-lo.

Cheguei em casa, falei rapidamente com meu pai, que estava na sala assistindo televisão, e fui direto pra o banho. Estava imunda e ainda nem tinha escovado os dentes.

Saí do banheiro uma nova pessoa, dessa vez, sem escolhas também. Coloquei meu celular pra carregar e fui falar com meu pai sobre o que tinha acontecido ontem e que bizarra essa coisa de uma árvore criar todo esse caos. Expliquei que tinha ficado na casa de um amigo e que já tinha tomado café, ele não comentou muita coisa, apenas estava feliz que eu estava bem e isso era o que importava naquele momento.

Mas a questão é que eu não estava bem.

Fui pro quarto, liguei o celular e chequei as mensagens. Dentre elas, nenhuma mensagem do Pietro, será que ele morreu?

Tinha uma mensagem da Lia me perguntando como tinha sido a noite e uma da minha mãe perguntando como estavam as coisas com o meu pai.

Respondi as duas, falei pra Lia me encontrar na ponte e decidi que não mandaria nenhuma mensagem para o Pietro, ele errou, ele que viesse atrás de mim.

Fui até a ponte encontrar Lia, o céu estava limpo e o sol estava brilhando, nem parecia que tinha acontecido nada na noite passada.

Cheguei na ponte e fiquei esperando Lia chegar, como sempre, estava atrasada.

Logo que ela chegou, contei tudo sobre o Pietro e disse que estava decidida a nunca mais voltar com ele, assim que terminei de contar, recebi uma mensagem dele.

[23/5 12:03] Pietro s2: Amor, me desculpe por ontem e quando puder, quero falar com você.

A minha vontade era jogar o celular no lago para não ter que responder aquele cretino.

Mas eu respondi, porque eu sou o tipo de pessoa que escuta as outras

mesmo quando elas não merecem, então eu liguei assim que visualizei a mensagem. Escutei tudo que ele tinha pra me dizer. Mas já estava convencida de que não voltaria mais com ele.

Aceitei as desculpas e pedi pra ele me dar um tempo, alguns dias quem sabe, e depois eu poderia conversar com ele de novo.

Já fazia um tempo que o relacionamento não ia bem e eu sinceramente precisava de um tempo pra mim e, talvez eu estivesse interessada em conhecer outras pessoas, me conhecer melhor e eu sei que não faria isso dentro desse relacionamento.

Desliguei a ligação e me sentei pra conversar com Lia sobre como eu me senti em relação a nossa amizade e como ela parecia ser totalmente unilateral já que era sempre eu quem estava fazendo tudo sozinha. Já não bastava o meu relacionamento e agora também minhas amizades.

Realmente um péssimo dia pra existir, mas eu sabia que a melhor decisão era pedir pra ela que a gente se afastasse um pouco, quem sabe assim ela não pudesse refletir sobre as coisas que tem feito comigo. Afinal, eu sei que ela é capaz de mais que isso.

Lia não disse muita coisa, nem quis se desculpar, acho que ela entendia meu lado e logo nós voltaríamos a nos ver, como sempre foi, eu só precisava de um espaço e ela precisava refletir sobre suas últimas atitudes para comigo.

Nos abraçamos, levantamos e Lia me perguntou se eu iria pra casa.

— Vamos voltar juntas pelo menos? — ela disse estendendo a mão.

— Tenho umas coisas pra resolver antes, Lia. Depois nos vemos. — eu disse indo em direção contrária.

Tenho certeza que se eu ficasse mais ela diria: coisas, sei o tipo de coisa, mocinha. Sinceramente, até queria ter escutado isso e ter dado boas risadas, mas eu precisava ser dura com ela, quem sabe assim ela não aprenderia.

Levantei e fui em direção a casa do Robert — precipitado, eu sei — mas queria contar para ele as boas notícias e como ele mudou a minha vida aparecendo na ponte na noite anterior.

É engraçada a forma que a vida nos prega peças, uma hora você tem um namorado e uma melhor amiga que não te dão o devido valor e basta você conhecer alguém que tudo muda e você passa a acreditar que merece o mundo inteirinho e, às vezes, isso ainda é pouco.

Sophia e Augusto

Era uma tarde como qualquer outra, eu estava sentada na minha varanda tomando um pouco de sol, por volta de quatro horas da tarde. De repente o moço do correio se aproximou e perguntou:

— Sophia? Tem uma carta pra você.

— Pra mim? — o questionei surpresa.

Ele fez que sim com a cabeça e me entregou um envelope azul ciano com meu endereço e uma assinatura no fundo, que eu reconheceria em qualquer lugar do mundo, estava lá estampado em tinta preta: **Augusto**.

Meu coração começou a pulsar mais forte dentro do meu peito e minhas pernas bambearam. Por um segundo eu senti meu corpo gelando mesmo com o sol tocando a minha pele.

Abri o envelope ali mesmo. Uma parte de mim não queria ler o que estava escrito e eu comecei e pensar que talvez fosse o meu maior erro ter aberto aquela carta. Já faziam meses desde que terminamos e, antes que você me pergunte o motivo, eu te respondo...

A vida.

Augusto costumava mesmo me comparar com a Summer de 500 dias com ela[11]. Talvez nós duas tivéssemos muito mais em comum do que eu poderia notar. Sempre vejo as pessoas culpando a Summer por conta da ausência da correspondência de um amor que se tornou unilateral por falta da entrega dela.

Imagino que fosse esse o maior detalhe que fizesse Augusto fazer a comparação, além da franjinha e a marca de nascença em forma de coração.

Eu particularmente acho que Summer foi uma personagem completamente injustiçada, já eu... suponho que não posso dizer o mesmo.

Decidi entrar e ler a carta dentro do meu quarto, não queria correr o risco de chorar em público e deixar alguém assistir isso.

Entrei. Sentei na cama com a carta em mãos e comecei a ler.

“Tentar descrever Sophia é tolice. Eu seria tão tolo quanto aqueles que se julgam capazes de definir coisas como o amor, a saudade e mais um par de mistérios que a compreensão humana é incapaz de colocar em

quadradinhos. Talvez por isso, dia após dia, desde a sua chegada em minha vida, eu tenho perguntado e nunca respondido coisas do tipo: o que ela esconde por detrás daqueles olhos sempre tão úmidos, que quando ela para, me encara, fitando seus olhos nos meus, eles são capazes de me convencer — sem muito esforço — da bondade e inocência do próprio diabo? O que ela guarda naqueles beijos tão burocráticos, que me faz desejar teus lábios de maneira muito mais instintiva e intensa que um recém-nascido anseia pelos seios da tua mãe? Que tipo de aroma é aquele que reside na curva do teu pescoço, meio palmo abaixo das tuas orelhas, na fronteira com a tua nuca, naquela região onde não mais se sabe se tratar de nuca ou pescoço, aroma esse que me transporta a lugares até então desconhecidos, onde eu acredito em amor, onde creio que posso amá-la por toda uma vida e ainda assim me queixar do pouco tempo, como na pintura do Mignard, que Cronos corta as asas do amor. Qual encanto ela retém em si, que me rouba toda a razão, e me conduz a um estado de consciência que me faz enxergar uma beleza ingênua, quase infantil, em todos teus modos e nos teus detalhes mais bobos: a maneira que ela anda, grita seu cachorro, se comunica, o barulho da sua risada espontânea, o formato das suas últimas costelas, o tamanho dos seus seios, os seus fios de cabelos que tentam se passar por pretos, a sua maneira de ser sem-com vergonha. Tenho pensado que todo esse mistério e essas perguntas sem respostas, é o que chamam de amor, e enquanto eu tiver dúvidas, certeza terei que a amo.

Com amor,

para sempre seu Augusto.”[12]

As lágrimas caíram do meu rosto como se eu tivesse aberto uma torneira em meus olhos. Meu coração se encolheu tanto que por um instante imaginei que ele nunca mais fosse voltar a bater e minhas mãos deixaram a carta cair no chão, enquanto meu corpo caía em sincronia na minha cama.

Eu perdi todas as minhas estruturas depois de ler aquelas palavras que vinham como inúmeras balas de prata em direção ao meu peito, uma atrás da outra, sem parar.

O ar fugiu dos meus pulmões, comecei a sentir como se ali fosse um lugar ruim de ser habitado e me questionei se eles voltariam.

Tudo estava se esvaindo e fugindo de mim, menos eu.

Eu estava exatamente onde eu não queria estar e com a última pessoa do mundo que eu queria que me fizesse companhia, respectivamente falando, dentro de mim e comigo mesma.

Eu deveria ligar, pensei. Talvez fosse uma boa, ele mandou uma carta deve ter me desculpado. Era como se fosse uma porta entre aberta, ele me deu o espaço e eu poderia voltar. Poderia, mas como sempre, sou covarde demais quando o assunto é tomar a decisão certa.

O medo e o desespero começaram a me consumir, era ele que me dava o suporte quando eu me sentia assim.

Todos os dias, desde que eu tomei aquela decisão, sinto que não consigo mais ser eu mesma e não consigo mais aguentar o peso que a dor da ausência de Augusto me causa.

Decidi que dormir seria a melhor coisa a ser fazer. Fui me deitar esperando que tudo não passasse de um sonho e que quando eu acordasse estivesse tudo bem.

Mas não foi isso que aconteceu. Acordei por volta de onze da noite e a carta ainda estava lá, o peso na consciência e o aperto no peito também.

Talvez se eu ligasse e resolvesse as coisas, ficasse tudo bem. Esse questionamento me perseguiu durante todos esses meses, mas hoje ele está na minha cabeça como uma segunda voz, como se meus pensamentos estivessem altos demais.

Levantei da cama e tomei um banho na tentativa falha de me sentir mais leve depois do que tinha acontecido.

Preciso ligar pra Augusto, pensei pela milésima vez.

Abri meu guarda-roupa e peguei uma caixinha que eu escondia na parte debaixo, dentro dela tinha coisas do meu passado, coisas que deveriam estar enterradas. Coisas que eu deveria não ter mais, só que eu sempre fui o tipo de pessoa que acumula as coisas e guarda as memórias não só na cabeça.

Peguei uma agenda vermelha com um aviso enorme na capa: **NÃO ABRA! NÃO LIGUE!**

Ignorei o aviso e abri a agenda em busca do número de Augusto.

Lá ficava guardado o número do celular de pessoas do meu passado, números que eu não deveria ter mais. Então eu apagava da lista de contatos do meu celular, mas mantinha eles na agenda para situações emergenciais como essa.

Encontrei o número de Augusto: (71) 83******

Era minha última chance de voltar atrás, mas eu decidi apertar o botão de chamar e meu coração começou a disparar novamente, comecei a me dar conta do que estava fazendo.

Cruzei meus dedos em vão, pedindo aos céus que ele não me atendesse.

— Sophia? — uma voz do outro lado da linha disse baixinho.

— Augusto, me desculpe... — eu disse nervosa.

— Não peça desculpas, por favor. — ele disse me interrompendo.

— Recebi sua carta hoje de tarde.

— Me desculpe por ter enviado algo depois de tudo que aconteceu.

— Eu não sei o que dizer, Gus. Não é o problema que você tenha mandado nada, mas você sabe, né? Nós não damos certo.

— Sophia, eu não disse que queria voltar com você, foi só algo que eu escrevi há algum tempo e decidi enviar porque sua ausência ainda me consome.

— Eu sei, me desculpe, eu não quis dizer isso.

— Pare de se desculpar, por favor. — ele disse incomodado.

— Eu não consigo, você sabe.

— O que aconteceu com a gente, Sophia? — ele perguntou com uma voz de choro.

— Eu aconteci, Augusto. Você sabe que eu sou o tipo de pessoa que não sabe ser amada. Eu te afastei de mim porque eu tinha medo de te machucar e ainda continuo achando que eu não sou a pessoa que você merece.

Tudo ficou em silêncio por quase um minuto.

— Augusto? — eu disse checando se ele ainda estava lá.

— Sim?! — ele respondeu.

— Achei que tinha desligado. — disse aliviada que ele ainda estivesse ali.

Sinto falta de Augusto, mas terminei com ele porque sabia que não daríamos certo, tenho inúmeros problemas e não queria que outra pessoa além de mim precisasse lidar com eles.

No começo do namoro ia tudo bem e Augusto ainda suportava minhas crises e os problemas com a depressão, mas começou a ficar tudo pesado demais quando eu comecei a beber todos os dias pra poder dar conta dos problemas e Augusto ficou preocupado comigo. A gente passou a brigar todos os dias e eu não queria buscar ajuda, entrei num buraco fundo demais e se Augusto continuasse comigo eu acabaria arrastando-o junto.

— Estou aqui ainda, eu sinto sua falta, Sophia. Fico pensando como tem sido seus dias sem mim e se você pensa em mim como eu penso em você.

— Eu também sinto, Augusto, mas eu não posso voltar. Você sabe... — eu disse suspirando.

— Talvez pudéssemos tentar novamente, quem sabe. — ele disse entusiasmado.

— Augusto não, me desculpe, eu preciso ir, foi um erro ter ligado.

— Não! Por favor, fique um pouco mais, vamos sair algum dia desses?

— Não acho que seria uma boa ideia, Gus.

— Claro que seria, Sophia. — ele insistiu.

— Não, me desculpe. Eu preciso ir, fique bem. — disse e logo em seguida desliguei.

Acabei nem esperando uma resposta, mas eu sabia desde o começo que seria um grande erro insistir nisso, pra que eu fui ligar, agora estou me sentindo pior ainda. O que eu fiz comigo? O que eu fiz com Augusto, agora ele com certeza ficaria pior do que antes e a culpa é toda minha.

Parabéns, Sophia! — eu disse encarando meu reflexo no espelho.

Deitei na cama e coloquei minha *Playlist* no modo aleatório e começou a tocar Leal do Djonga[13], o que poderia ser mais doloroso nesse momento do que ouvir a primeira música que Augusto dedicou pra mim há mais ou menos um ano atrás, quando começamos a demonstrar que gostávamos um do outro.

Eu poderia mudar, mas eu gostava do jeito que aquela música despedaçava meu coração em partes tão pequenas que eu jamais poderia junta-lo novamente.

Para muitos, o refrão seria a parte que mais iria doer, mas pra mim é quando ele começa a dizer:

“A gente briga só pra se acertar de novo

Fica mais quente, né? Nós dois sentimos

Companheirismo é discordar e ir pro corre junto

É viajar horas de estrada sem perder o assunto

Tipo que eu nem sei se ela vem mais guardar o assento

Coisas da vida, se for sua ex ela vira sua amiga.”[14]

Queria ser do tipo que se for sua ex ela vira sua amiga, até que geralmente sou essa pessoa, mas com Augusto eu não consegui, porquê pela primeira na vida eu quem fui embora. Dentre todos os amores que eu já tive, fui abandonada por todos, geralmente, por exaustão.

As pessoas nunca conseguiram aguentar o peso de amar alguém tão pequeno com problemas tão grandes.

Tudo que eu mais queria era voltar atrás, poder ter feito diferente.

Queria poder mostrar a Augusto a melhor parte de mim para que talvez, eu não me sentisse tão ruim ao mostrar meu lado ruim. Parece ser surreal alguém ter se apaixonado pelo meu pior lado, embora ele costumasse dizer que eu mostrava pra ele só coisas boas e as coisas ruins eram muito mais algo

que eu tentava ser, ao invés de ser o que eu era de verdade.

Pensei em Augusto até dormir, já era por volta de três da manhã e eu ainda estava chorando, até que peguei no sono em algum momento sem perceber.

Na manhã seguinte, quando acordei, tinha mensagens no meu celular:

[04/9 8:56] (71) 83******: Bom dia, Sophia! Me desculpe por ontem, eu sei que deve ser uma péssima ideia, mas passo aí na sua casa mais tarde. Levarei chocolate. Beijos!

Augusto realmente poderia fazer isso? Eu não acredito que ele teria a coragem!

Olhei o horário e já era por volta de doze e quarenta, imaginei que ele tivesse desistido de aparecer por aqui.

Fui tomar um banho para preparar algo pra comer.

Logo que saí do banho ouvi alguém chamando meu nome na porta de casa.

Não acredito que isso está mesmo acontecendo. Não é possível que Augusto está aqui, definitivamente, não acredito que ele fez isso.

Pensei em fingir que não tinha ninguém em casa e talvez assim ele fosse desistir, mas ao mesmo tempo não queria deixá-lo na porta esperando e depois ele fez uma grande viagem, já que nós moramos bem distantes um do outro.

Ótimo, eu tive que ceder. Fui em direção a porta com um roupão e uma toalha na cabeça.

– Nossa! Você fica mesmo linda de qualquer jeito. – ele disse sorrindo.

– Entre e fique à vontade, eu vou colocar uma roupa. – disse entregando as chaves do portão na mão dele.

Fui me trocar pensando: O que foi que eu fiz? Maldita ligação! Maldita ligação.

– Trouxe chocolates, aqueles que você gosta. – Augusto disse do sofá.

– Obrigada! Já estou indo! – eu disse enquanto terminava de me arrumar.

Uma parte de mim sabia que aquela coisa toda era uma péssima ideia, mas ao mesmo tempo eu queria tentar dar mais uma chance para nós dois, talvez desse certo dessa vez. Augusto parecia gostar muito de mim e eu ainda também gostava dele, por que não dar uma chance ao amor?

— Nossa, você realmente sabe o meu gosto. — eu disse pegando os chocolates.

— Sim, sou um bom observador ou passei meses te dando o mesmo

chocolate. — ele disse rindo.

— Engraçadinho. Quer comer alguma coisa? — eu perguntei indo em direção a cozinha.

— Na verdade, eu queria conversar com você. — ele disse meio triste.– O que foi? aconteceu alguma coisa? – parei quando percebi que ele estava estranho.

— Nada demais, só que... você sabe... hum... eu não sei como dizer. — ele disse meio travado.

— Eu também quero conversar com você, Gus. Eu acho que talvez fosse uma boa a gente tentar de novo sabe. Você mandou a carta e depois veio até aqui. Acho que talvez fosse uma boa ideia voltarmos, não sei?! — eu disse olhando pra ele esperando uma resposta positiva.

— Então... sobre isso... acho que não vai poder acontecer.

— Não? – eu perguntei surpresa.

— Certo, eu posso ir direto ao ponto. Lembra aquela viagem que eu queria fazer pra Roma? Então, apareceu uma oportunidade de intercâmbio e eu vou passar um ano lá. A viagem é na semana que vem. — ele disse acirrando os dentes forçando um sorriso.

Respirei fundo. Digeri a informação em forma de bomba que eu tinha acabado de receber.

— Meu Deus, Augusto! Isso é ótimo! De verdade, ótimo! Estou muito feliz por você. — disse o levantando e dando um abraço tentando mostrar entusiasmo com a notícia.

Não era a melhor notícia do mundo e com certeza não era o que eu esperava, mas talvez fosse isso mesmo, a vida, ela acontece da forma que a gente menos espera.

Por isso toda vez que alguém me pergunta o que aconteceu com todo o nosso amor eu respondo com um sorriso sútil e um aperto no peito...

A vida.

Klaus e Louise

Existem pessoas que entram na nossa vida para mudar alguma coisa que esteve errada por muito tempo. Louise não era só mais uma vadia qualquer de qualquer esquina, ela era A vadia de uma esquina qualquer.

A conheci em uma das minhas noites de bebedeira, estava saindo do bar quando me deparei com a mulher mais linda que os meus olhos puderam contemplar durante toda a minha vida.

Louise tinha cabelos negros como a floresta em noite de lua cheia, sua pele era tão clara, quase tão alva quanto a neve, seus olhos eram castanho-escuros e os seus cílios eram maravilhosamente enormes.

Uma das coisas que eu mais adorava era quando ela piscava em meio a um sorriso desprendido e sutil que destacava aqueles enormes cílios, quando seus olhos que sempre se mostravam enormes e marcantes, ficavam miúdos naquele rostinho. Talvez fosse por isso aquele era o meu sorriso favorito, mesmo com os dentes amarelados por causa do cigarro.

Em contrapartida, a única coisa que eu adorava mais que seu sorriso era a marca do seu batom vermelho, que ela deixava na baga do cigarro dentro do meu cinzeiro. Toda manhã, quando eu ia limpar a mesinha de centro, me deparava com aquela marca que desenhava boa parte da sua boca, e isso sempre me trazia belas lembranças da noite anterior.

Estava saindo do bar meio cambaleante, como todas as noites, quando Louise se aproximou perguntando se estava tudo bem e se eu precisava de ajuda. Por um momento eu quis ser homem o suficiente para dizer que não, que eu não precisava de ninguém, afinal, era o que eu costumava fazer quando alguém me oferecia qualquer tipo de ajuda naquela situação degradante. Mas com ela era diferente, não poderia negar ajuda de uma mulher tão deslumbrante.

Deixei que ela me acompanhasse até o táxi.

Ela me colocou dentro do carro e perguntou meu endereço. Eu disse três palavras emboladas antes de quase apagar ali mesmo, por conta disso, ela decidiu me acompanhar.

O taxista era um velho amigo meu, quando ele se deu conta que era eu quem estava no banco de trás disse para Louise que sabia para onde me levar,

mas que seria bom ela me acompanhar até em casa.

Ela concordou com ele.

Quando chegamos na minha casa, estava tudo uma bagunça como sempre.

Louise tirou minhas roupas sujas e me colocou na cama.

— Seria bom se você pudesse ficar. — eu disse segurando em seu braço quando ela virou as costas pra mim.

— Não acho que seja uma boa ideia, senhor. — ela respondeu e saiu.

Apaguei.

Na manhã seguinte, quando acordei, encontrei Louise deitada no meu sofá, sem o batom e com os olhos que ontem à noite eram marcantes pela maquiagem, hoje estavam menos carregados, mas, ainda sim, enormes.

— Achei que fosse melhor eu ficar. — ela disse se ajeitando no sofá.

— Acho que não nos apresentamos ainda, como se chama? — eu perguntei

— Louise, prazer. Vi você naquelas condições ontem e decidi que seria melhor te ajudar, alguém poderia acabar fazendo algo com você.

— Muito obrigada, Louise. Se eu puder te agradecer de alguma maneira. — disse me aproximando do sofá.

— Talvez um nome seria uma boa ideia. — ela disse rindo.

— Me desculpe! Me chamo Klaus. Vou preparar um café da manhã, gostaria de comer alguma coisa? — eu perguntei indo em direção a cozinha.

— Imagino que seja uma ótima ideia. — respondeu.

Eu até poderia ser um velho bêbado, mas uma coisa eu ainda fazia bem: cozinhar.

Comecei a preparar o café. Cortei algumas frutas e fiz um café preto, coloquei alguns pães dormidos no forno para fazer umas torradas e peguei uma geleia de morango que eu tinha feito semana passada.

Pedi para que Louise fosse arrumando a mesa e indiquei a ela onde ficava cada coisa na minha cozinha, como se ela fosse uma velha amiga que tinha vindo me visitar.

Coloquei cada ingrediente na mesa e, com uma pitada de amor, fiz um grande café da manhã em apenas trinta minutos. Imaginei que essa fosse a melhor e menos ofensiva forma de agradecer a Louise pelo que ela tinha feito por mim.

Tomamos café e rimos um pouco.

Logo depois, Louise disse que tinha que ir embora e agradeceu pelo belo

café da manhã. Eu pedi para ela que voltasse quando quisesse ou, talvez, eu voltasse para o bar e encontrasse ela novamente.

Isso me causou um aperto no peito, encontrá-la novamente naquelas condições, fiquei pensando como ela tinha ido parar ali, ela parecia ser tão jovem, apesar da aparência um pouco desgastada, como os dentes e algumas marcas de expressão que já estavam aparecendo em seu rosto.

Nos despedimos, acompanhei Louise até a porta e agradeci mais uma vez.

Não sei bem o que foi aquele sentimento, mas alguma coisa aconteceu dentro do meu peito quando vi Louise sumindo no corredor do meu apartamento.

Voltei para dentro e logo que fechei a porta comecei a me questionar o porquê eu tinha deixado ela ir embora, como se ela fosse alguém tão importante que seria um crime ter deixado ela partir daquela maneira, como se eu nunca mais fosse voltar a vê-la.

Fui tomar um banho e decidi que voltaria ao bar naquela noite, talvez eu a encontrasse de novo.

Por quanto tempo ela já estava ali? Por que eu nunca tinha notado antes? Quem era Louise e por que aqueles olhos castanhos e cabelos negros mexiam tanto comigo?

Esses questionamentos me consumiram o dia inteiro e eu fiquei atordoado pensando na mulher que tinha acabado de entrar na minha vida e de forma tão rápida quanto entrou... saiu.

Já era por volta de oito e meia da noite quando decidi que iria atrás da Louise, eu precisava fitar aqueles olhos novamente, sentir pela primeira vez o cheiro dos seus cabelos e tocar aquela pele.

Saí de casa, dessa vez completamente arrumado, em busca da minha querida Louise.

Cheguei no bar. Pedi uma dose de Whiskey e tomei coragem para verificar se ela estava por ali.

A noite foi passando e nada de Louise aparecer. A primeira dose de Whiskey tinha se tornado a sétima e eu comecei a perceber que estava perdendo o controle. Decidi que talvez a melhor opção fosse ir pra casa, afinal, não teria Louise para me ajudar toda vez que eu ficasse de porre.

Saí do bar e entrei no táxi sem nem olhar se Louise estava na rua, eu tinha desistido. Talvez ela tivesse sido só uma invenção da minha cabeça. Afinal, velho e bêbado, temos aqui duas coisas que comprovariam um delírio.

Quando fechei a porta e olhei pela janela avistei Louise descendo de um

carro vermelho com um homem jovem e bonito no banco do motorista, ela provavelmente não me viu, mas eu a vi e aquilo acabou com toda a minha estrutura.

Não tinha o que ser feito, era o trabalho dela e eu não queria atrapalhar. Talvez fosse melhor eu ir mesmo para casa.

Cheguei em casa e não conseguia parar de pensar naquele homem, na Louise, na vida que ela levava. Comecei a sentir raiva acompanhada de um sentimento de insuficiência que eu nunca tinha sentido antes.

Tinha gosto de brócolis estragado com vinho tinto barato.

Peguei a garrafa de vodca que eu tinha no armário e bebi um pouco mais da metade de uma só vez.

Meu corpo não aguentava mais tanto álcool, não demorou muito tempo e acabei apagando no tapete branco que ficava na minha sala.

Foi tão engraçado quando comprei esse tapete, o vendedor da loja quase me convenceu que era importado e eu acreditei, ou fingi. Obviamente ele acabou ganhando e eu fiquei com o tapete, era algo do tipo: só grandes homens tem bons tapetes brancos que vieram importados da Ásia — coitada das crianças que são forçadas a um trabalho infantil, me lembro de ter escutado isso em uma conversa no bar — mas, a real é que eu acabei gostando desse tapete, ele é confortável, meio felpudo eu diria e também é bonito. Faz a minha sala parecer algo mais chique do que realmente é, gosto disso.

Depois daquela noite eu decidi que falaria com a Louise, que eu queria mudar aquilo, aquela vida, não era algo que ela merecia. Não dava pra entender porque uma mulher tão jovem e bonita tinha se deixado entregar a vida daquela maneira.

Fui até o bar e deixei um recado com o Lúcio (o cara do balcão), pedi que ele avisasse a Louise que eu tinha pedido para ela ir na minha casa hoje à noite, se possível.

Eu me arrumei todo, fiz um macarrão a carbonara para o jantar, peguei o vinho mais velho do meu balcão e esperei ansiosamente a chegada de Louise.

A campainha tocou e meu corpo todo estremeceu.

Fui em direção a porta, cambaleando, dessa vez por conta do nervoso e não da bebida, abri a porta e me deparei com Louise, mais linda do que nunca.

Ela estava com um vestido vermelho justo, marcando todas as curvas do seu corpo, os olhos marcados por um lápis de olho branco — suponho que

isso destacava mais ainda o seu olhar — e a boca com um batom mate vermelho, o cabelo estava preso com o coque alto e o seu aroma de cereja era delicioso.

— Entre, por favor. — eu disse abrindo espaço para ela.

— Obrigada, Klaus. — ela disse atravessando a porta e deixando o seu aroma por onde passava.

— Sente-se, por favor. Não sabia qual era seu prato favorito, então eu decidi cozinhar o meu.

— O cheiro está muito bom! A propósito o meu prato favorito é Yakisoba. — ela disse como se quisesse que eu fizesse uma nota mental sobre aquilo.

Sentamos na mesa e eu disse que no próximo encontro seria o prato favorito dela.

Eu tinha tantas coisas para dizer, mas Louise me deixava sem palavras, perdido em sua beleza.

Comecei a perguntar a ela por que ela tinha escolhido aquela vida, uma moça tão jovem e tenho certeza que com muito talento.

Ela me respondeu de forma fria que tinha os seus motivos e que preferia não os colocar em pauta em nossas conversas. Decidi aceitar a escolha de Louise e fiquei retraído em pedir qualquer coisa que fosse para ela.

A noite seguiu rápida e feroz, Louise logo teria que ir embora e, eu queria tanto que ela ficasse, mas isso seria intimidade demais e talvez não fosse o que ela queria. Eu precisava me adaptar a forma de vida que Louise levava caso eu quisesse ter qualquer coisa com ela.

Algumas noites foram passando da mesma forma; Louise chegava em minha casa, nós conversávamos, ela tocava um pouco de música no meu velho piano que eu já tinha aposentado há alguns anos, tomávamos vinho, ou melhor, eu tomava vinho e Louise manchava o meu tapete branco toda vez com uma gota ou uma taça inteira, mas eu não me importava era a única marca dela que eu tinha no começo.

Depois de um tempo, Louise começou a aceitar dormir na minha casa, na minha cama, ao meu lado e as coisas saíram do controle, criamos um laço, a intimidade já tinha se tornado uma palavra muito pequena para essa coisa que existia entre nós dois.

Louise começou a deixar cada vez mais as marcas do seu batom vermelho em bagas de cigarro no meu cinzeiro e manchas de vinho no meu tapete branco.

Quando me dei conta eu já estava completamente apaixonado por aquela mulher e tudo que eu mais queria era que ela fosse minha.

Decidi que falaria com ela na noite em que completava um mês desde que ela tinha me salvado de mim naquele bar.

Pedi para ela que viesse mais cedo que o costume.

Tinha feito Yakisoba pra comermos antes da foda, era a sua comida favorita, eu queria agradar a minha mulher, que mesmo sendo de outros vários caras, era minha, somente minha quando me olhava nos olhos e, mais minha quando ia embora e deixava a porta entreaberta na esperança que eu gritasse qualquer coisa pra ela voltar, mas as minhas cordas vocais já não eram tão boas.

Aos 45 não é tudo infinito quanto aos 15.

O que me fez pensar que eu nunca perguntei a idade de Louise sabia que ela tinha mais ou menos metade da minha idade, mas nada muito especifico.

Tudo que eu sabia sobre ela era apenas um nome: Louise.

Conhecia seu corpo como ninguém, mas não sabia nada dessas bobagens que nós acabamos por saber quando conhecemos alguém. Nesse exato momento, me dei conta que eu não à conheço, eu conheço apenas seu corpo, que a propósito, que corpo!

Ela tinha peitos pequenos, uma bunda redonda e uma cintura com pneus que deixavam ela levemente gostosa. Perdoe-me o vocabulário chulo, caro leitor, mas esse é o único que eu tenho quando o assunto é descrever aquele corpo.

Já estava quase na hora combinada, estava ansioso, fazia uma semana que Louise não aparecia, ela tinha me dito que precisava resolver alguns problemas e eu respeitei, não quis perguntar sobre nada, até porque, acredito que se ela quisesse que eu soubesse ou quisesse ajuda, teria me contado algo.

Louise já tinha uma cópia da chave da minha casa. Estava distraído quando ela entrou pela sala, usava um vestido justo preto, o seu batom estava mais vermelho que o de costume ou eu estava mais apaixonado ainda por aquela mulher?

Ela entrou e me deu um beijo leve na bochecha como de costume, mas alguma coisa estava diferente e, não era uma simples impressão, havia algo de errado.

Louise se sentou ao meu lado na mesa e nós comemos em silêncio, coisa que nunca acontecia. Comecei a ficar nervoso, levantei da mesa sem falar nenhuma palavra e me sentei no sofá.

Eu precisava perguntar o que estava acontecendo, mas minhas cordas vocais deram um nó, nada poderia sair, ficou tudo travado, um bolo de palavras que me fez vomitar toda comida no meu tapete branco que já não mudaria em nada diante de todas as manchas de vinho que a Louise tinha deixado. Se a comida fosse sopa de letrinhas eu teria vomitado uma frase inteira questionando o que estava acontecendo.

Ainda sem entender o que estava acontecendo, vi uma lágrima escorrendo sem querer dos seus olhos.

Isso me deixou mais nervoso ainda, o que estava acontecendo? Era um péssimo momento para acontecer algo ruim, eu tinha planos, planos para nós dois.

O que aconteceu? Ela me diria?

Comecei a me questionar o porquê de Louise — que sempre fora tão feliz e nunca tinha derramado uma lágrima na minha frente — estar com esse semblante de tristeza e tentando esconder as lágrimas que caíam involuntariamente.

Eu apenas coloquei-a em meu colo, sequei aquelas lágrimas e disse a ela o quanto eu amava, o quanto eu amei, e o quanto a amaria se ela aceitasse se tornar minha mulher, mas não apenas alguém que vai na minha casa às vezes, mas sim, minha esposa.

Eu queria acordar e olhá-la sem batom, sem roupa, apenas ela, eu queria casar com alguém que eu não sabia informações necessárias para uma convivência.

Talvez eu estivesse louco, mas aquela mulher tinha mudado a minha vida e eu queria que ela continuasse mudando.

Louise levantou e colocou um envelope bege sobre a mesinha de centro e não disse nada, eu olhei o que tinha escrito e era de um hospital de câncer e tinha um nome escrito: Bárbara.

Pensei que a mãe de Louise estivesse com câncer e precisasse de ajuda, fiquei aliviado, preciso confessar, embora não fosse um sentimento honroso, por um segundo pensei que perderia Louise ou poderia perder, então logo pensei que antes fosse qualquer outra pessoa que não ela.

— Sou eu, o médico disse que tenho meses e talvez dias. — ela disse tentando conter as lágrimas.

Meu mundo todo se desfez naquele momento e tudo fez um pouco de sentido, Louise talvez só fosse um nome que ela tinha criado para que as pessoas não soubessem quem ela era de verdade. Embora eu não esperasse

que ela escondesse de mim por tanto tempo, agora as peças se encaixavam.

— Quando você descobriu? — eu questionei desesperado.

— Meses atrás, alguns poucos meses na verdade. Lembra quando você me perguntou por que eu faço isso? Está aí a sua resposta, os médicos achavam que não tinha solução, então eu desisti de tudo, essa foi a minha forma de lidar com isso. Me desculpe. — Louise disse pegando o envelope da minha mão e indo em direção a porta.

Eu queria poder fazer alguma coisa, eu realmente queria poder levantar e impedi-la de ir embora, mas antes que eu pensasse em mover um músculo, Louise disse:

— Por favor, não venha. Lembre-se de mim como a sua velha e boa Louise, o que eu vou me tornar agora não sou eu, não é assim que eu quero que você lembre de mim.

Como não respeitar a decisão de alguém que despiu o corpo e a alma. Como não respeitar a escolha de alguém que dedicou os últimos meses da sua vida a um velho bêbado.

Depois daquele dia eu não fui mais o mesmo e Louise nunca mais foi vista naquela esquina, e nem em lugar nenhum, apenas em meu coração.

Rafael e Lis

Estava voltando para casa quando me deparei com policiais na frente do prédio. Não fiquei assustado, afinal, meu prédio ficava ao lado de um quartel, além que o caos dessa parte da cidade influencia diretamente nessas rondas noturnas.

Quando me aproximei do prédio, a porta estava aberta, não temos porteiro e os policiais estavam causando uma movimentação nas escadas.

Moro no quarto andar, é um prédio pequeno de cinco andares e não tem elevador, então eu tinha que subir quatro lances de escada até chegar ao meu apartamento, que ficava de frente para o apartamento da Lis, a mulher mais linda que eu já tinha visto em plenos vinte e cinco anos de vida.

Enquanto subia as escadas fiquei pensando que tivesse acontecido alguma coisa com a Dona Ruth, que morava no último andar, o marido dela sempre bebia muito e agredia ela quase uma vez por semana. Eu já tinha dito pra ela denunciar, mas ela nunca tinha feito, pelo menos, até o momento, era o que eu esperava.

Ainda subindo os primeiros lances das escadas comecei a pensar em Lis, a minha querida e doce vizinha que me pediu açúcar em um domingo qualquer, tinha se tornado a minha querida e doce namorada.

Lis tinha um gosto musical incomparável, toda vez que eu chegava do trabalho a noite eu escutava o som alto que atravessava a porta, era sempre as mesmas bandas: *Pink Floyd*, *The Doors*, *Beatles*, *Arctic Monkeys*, *Lana del Rey* nos dias tristes e raramente Novos Baianos nos melhores dias.

Ela tinha cabelos castanho escuro que dava umas leves voltas quando se aproximava do pescoço formando cachos disfarçados, seus olhos eram uma cor indefinida, verdes demais para serem azuis e azuis demais para serem verdes e, também tinha uma heterocromia central que, com toda certeza, era a causa da minha confusão.

Usava sempre blusas maiores que ela e geralmente eram brancas o que destacava seus grandes seios e marcavam perfeitamente o bico que fazia um relevo sob a camisa ainda seca.

A casa dela era completamente aconchegante, a sala, ainda que pequena, se tornava o maior cômodo da casa, justamente por não ter nenhum móvel,

apenas um enorme tapete feito de retalhos em tons pastel e tinha algumas plantinhas – que eu nunca sei identificar – na curta varanda que dava continuidade a sala.

Lis dizia ser escritora, mas só à noite, porque durante o dia ela trabalhava numa floricultura, no centro mesmo, dava pra ir a pé.

Ela sempre comentava sobre como achava injusto aquelas flores serem arrancadas de um jardim para morrerem em vasos enfeitados na casa de pessoas fúteis. Mas ela precisava do dinheiro e era um bom emprego, pagava bem e era perto de casa, então ela não tinha muito do que reclamar além do homicídio das flores — era como ela costumava dizer.

Quando fui me aproximando do quinto lance de escadas me deparei com dois policiais impedindo a minha passagem e dizendo que eu não poderia subir.

Fiquei completamente gelado e não consegui pensar em nada.

— Como assim eu não posso subir? Eu moro no apartamento 501. — questionei ainda confuso.

— Aconteceu um possível acidente no apartamento 502 e seria bom que você fosse direto para o seu apartamento.

Como assim um acidente? Lis...

Minhas pernas começaram a tremer junto com as minhas mãos que suavam muito.

— O que aconteceu? O que aconteceu? — eu disse gritando com o policial.

Ele logo se deu conta de que possivelmente eu tivesse algum laço com a Lis e tentou me afastar dali. Segurou meus dois braços e olhou pra mim pedindo que eu me retirasse do local.

Eu não ia fazer isso, precisava saber se estava tudo bem com a Lis.

— Como se chama? — o policial perguntou.

— Lis e eu preciso falar com ela. — eu respondi desnorteado.

— Não, eu digo, você como se chama? — o policial perguntou novamente.

— Rafael, senhor. — respondi tentando me acalmar mas o sangue ainda estava correndo em minhas veias de uma forma tão acelerada que eu não conseguia parar.

— Rafael, eu preciso que você se acalme, aconteceu um acidente. Tem alguém que podemos entrar em contato? — o policial perguntou.

— Eu sou o contato, por favor me diga o que está acontecendo, ela é

minha namorada e eu preciso saber se ela está bem, eu preciso ver ela, por favor. — supliquei já em prantos.

Não sei se eu estava preparado para esse momento, não sei se eu realmente queria entrar e ver o corpo da minha Lis no chão, eu não queria que aquilo fosse real, mas o policial permitiu que eu entrasse para poder identificar se era mesmo a Lis.

Eu subi as escadas correndo e quando cheguei na porta do apartamento meu corpo travou, não conseguia mexer um músculo. Estava tudo acontecendo em câmera lenta e eu não conseguia me mover.

A lágrimas não paravam de cair e ainda não tinha me dado conta do que realmente tinha acontecido.

Entrei no apartamento, passei pela sala que estava igual a todos os dias e segui em direção ao quarto, os lençóis brancos estavam encharcados e agora já tinha se tornado praticamente vermelhos.

Lis estava de costas, apensar de calcinha e sutiã, seu pulso estava cortado, um corte profundo feito em posição vertical, o policial disse que poderia virar ela para que eu pudesse identificar o rosto.

Não era preciso, eu reconheceria aquela tatuagem em qualquer lugar do mundo.

Lis tinha uma tatuagem com uma frase da música “Mistério do Planeta” dos Novos Baianos[15]: “Vou mostrando como sou e sendo como posso.”.

A ficha talvez ainda não tivesse caído. Só queria que tudo tivesse sido um sonho, um terrível pesadelo pra falar a verdade.

Meu corpo desabou no chão, bem como minha alma, caí como uma fruta cai madura do pé e fiquei ali mesmo.

Os policiais precisavam me tirar dali, mas eles me deram alguns minutos para entender o que realmente tinha acontecido.

— Rafael, você precisa vir comigo. — Ruth apareceu me chamando para sair do apartamento.

— Eu não posso, eu não posso deixá-la aqui, Ruth. Eu não posso abandonar ela. — comecei a gritar e chorar desesperadamente.

— Por favor, Rafael. — ela continuou insistindo e me puxando pelo braço.

Eu decidi ceder, estava tão fora de mim que me tornei um zumbi. Levantei e fui com a Ruth para casa dela.

Subimos mais um lance de escadas e chegamos no apartamento 602 — o da Ruth — ela me ofereceu um pouco de chá e biscoitos. Carlos — o marido

dela — não estava em casa, provavelmente no bar bebendo, mas foi até bom que ele não estivesse, não era uma companhia que eu queria naquele momento.

Comecei a questionar o que tinha acontecido. Estava tudo bem, aparentemente, Lis tinha diminuído as crises depois que trocou de psiquiatra, diminuiu também os remédios, a psicóloga dela estava feliz com o progresso, eu estava feliz porque ela parecia melhor.

Quando nós nos conhecemos, Lis tinha muitas crises de ansiedade e ela já tinha um histórico de tentativas de suicídio, mas isso tinha passado, ou ao menos, eu acreditava que tinha passado.

— Como os policiais chegaram aqui? — eu perguntei a Ruth.

— Ela ligou. — Ruth me respondeu.

— Por que ela não ligou pra mim? Como ela ligou pros policiais, por que pra eles? Por quê? — eu disse começando a chorar de novo.

Ruth tentou me consolar, mas ela não sabia o que fazer. Estava triste também, ela gostava muito da Lis, sempre disse que era uma das melhores inquilinas, tirando os problemas com o som que as vezes ficava alto demais.

O porquê de ela ter feito aquilo era uma grande incógnita que estava me consumindo e devorando qualquer outro pensamento que não fosse teorias sobre o porquê de ela ter feito isso.

Pela manhã estava tudo bem. Nós tomamos café juntos e ela até fez panqueca doce com calda de chocolate para nós dois. Estava aparentemente feliz, estava tudo indo bem. Ela parecia animada com o dia e estava completamente amorosa.

Comecei a lembrar da nossa conversa antes de eu sair para o trabalho, Lis costumava ir comigo, mas hoje ela disse que iria mais tarde.

Eu gostava de acompanha-la pela rua até o trabalho, eu tinha medo que qualquer coisa acontecesse com ela então eu tentava protege-la a qualquer custo.

O problema foi que eu esqueci de protege-la de si mesma, eu falhei com a Lis.

Se eu estivesse com ela, talvez nada disso tivesse acontecido, se eu não tivesse ido trabalhar, se eu tivesse dado mais espaço para ela se abrir comigo, se eu tivesse feito algo diferente. Será que ela ainda estaria aqui?

Os meus pensamentos iriam me destruir a qualquer instante e eu não conseguia parar de pensar naquele sorriso, naqueles olhos, naqueles cabelos que tinham cheiro de coco, naqueles lábios rosados que estavam sempre

muito hidratados e com sabor de cereja.

Comecei a repassar a nossa última conversa na minha cabeça.

— Eu te amo muito, Rafael. Obrigada por tudo que você fez por mim até hoje.

— Eu te amo muito, minha cerejinha, eu não fiz nada demais, você merece todo amor do mundo, Lis.

— Só queria te agradecer mesmo, você é incrível. Me desculpe por qualquer coisa.

— Tá bom, mas aconteceu alguma coisa Lis?

— Não, está tudo bem. Só queria dizer isso mesmo, gostou das panquecas?

"Me desculpe por qualquer coisa."

"Me desculpe por qualquer coisa."

"Me desculpe por qualquer coisa."

Essa frase começou a ecoar na minha cabeça, ela tinha me avisado. Era esse o aviso, ela se desculpou porque ela já sabia o que iria fazer e eu não reparei. Ignorei os sinais. A culpa é minha.

— A culpa é minha! — eu disse em voz alta.

— Claro que não, Rafael. A culpa não é de ninguém, foi uma tragédia. — Ruth disse interrompendo meus pensamentos.

— O quê? — eu disse olhando pra Ruth.

— Nada, Rafael. Essa noite você dorme aqui, certo? Já liguei para os pais da Lis, eles já estão a caminho e vão resolver as coisas.

— Quero dormir em casa, Ruth.

— Nada disso, você não tem escolha. Essa noite você dorme aqui, mocinho. – ela disse me entregando algumas cobertas e um travesseiro.

— Mas e o Carlos? — questionei.

— Esqueça ele, talvez ele nem volte hoje e se ele voltar eu me resolvo com ele, só se preocupe em dormir bem. Amanhã será um longo dia. — Ruth disse passando a mão na minha cabeça.

Mas como eu poderia dormir bem depois do que tinha acontecido? Como eu poderia deitar e fechar os olhos depois de ter perdido a minha Lis, a minha doce menina.

Comecei a pensar na viagem que faríamos para a Holanda, ela sempre quis conhecer. Nós estávamos juntando dinheiro há meses para nossa grande viagem.

Iríamos na primavera do ano que vem, ela queria conhecer o Parque

Keukenhof, é um parque que fica próximo a Amsterdã — um dos lugares que a Lis queria conhecer — é considerado o mais parque florido do mundo, tem tulipas — as favoritas de Lis — tem também orquídeas e outras flores.

Ela estava tão animada com essa viagem e estava tão próximo, só faltavam alguns meses para seu aniversário — em março — que combinava perfeitamente com o início da primavera na Holanda.

Pensei tanto na Lis e em nossa viagem que acabei pegando no sono depois de tanto chorar.

Amanheceu e o sol invadiu toda a sala da Dona Ruth, entrou sem pedir licença, sem nenhum aviso, clareou toda a sala e me acordou.

Era um péssimo momento para o dia estar tão bonito. O sol estava no céu os passarinhos se aproximavam para beber a água que Dona Ruth deixava naqueles bebedouros de passarinhos e cantarolavam como se nada tivesse acontecido.

Foi quando comecei a me dar conta que o mundo continuava girando e as coisas não tinham parado comigo para sofrer a perda de alguém que eu amava.

Era um problema tão pequeno e tão meu e mesmo assim o meu desejo era que todo o universo parasse para contemplar o meu sofrimento, pois ele parecia infinito.

Me levantei. Dobrei os lençóis e sai de fininho da casa de Dona Ruth.

Desci as escadas e fui para casa, quando cheguei no corredor que separava o meu apartamento do da Lis comecei a me recordar de quando nós tínhamos nos encontrado da primeira vez e ele me pediu açúcar.

Me perdi nos meus pensamentos, voltei para aquele dia e fiquei alguns minutos imaginando que nada tinha acontecido ainda, que ela estava viva, que ela ainda nem era o grande amor da minha vida, era apenas a minha vizinha, era apenas uma gentil mulher que eu tinha acabado de conhecer.

Voltei a realidade. Entrei em casa e fui tomar um banho.

Sai do banheiro e me sentei no meu sofá velho — o mesmo lugar que eu estava quando Lis bateu na minha porta — e fiquei esperando que ela batesse ali novamente, como se eu tivesse voltado no tempo. Como se a vida tivesse me dado uma segunda chance.

— Ponto final! — eu disse em voz alta levantando da mesa do computador.

— O que, amor? — Lis disse da cozinha.

— Terminei o livro, querida. — eu disse realizado.

Laura e Ben

Ben estava do outro lado da linha quando começou a tocar violão e cantar para mim uma das minhas músicas favoritas no mundo todo.

"*I could stay awake just to hear you breathing*
Watch you smile while you are sleeping
While you're far away and dreaming
I could spend my life in this sweet surrender
I could stay lost in this moment forever
Every moment spent with you is a moment I treasure."[16]

Ele deu início a canção quando eu o interrompi dizendo que meu maior desejo no momento seria ter ele ao lado da minha cama cantando pra mim, ao invés de ter ele cantando pra mim do outro lado da linha.

Essas coisas não podem ser ditas para uma pessoa como o Ben, ele com certeza atravessaria o viaduto que nos separava e andaria os dois km da avenida que dava na minha casa sem nenhum medo do que poderia acontecer com ele em plena madrugada de uma segunda-feira, em que toda cidade dorme, pois terça ainda é dia de trabalho.

— Eu poderia aparecer na sua casa agora se você quisesse. ele disse.

— Não é assim que as coisas funcionam, Ben. — respondi cortando o clima.

— É assim que as coisas funcionam para mim, Laura. — ele disse expressando chateação em seu tom de voz.

— Acho melhor eu ir dormir, amanhã eu acordo cedo.

Ele guardou o violão e desistiu de continuar cantando até eu dormir, como de costume.

Talvez eu fosse chata demais por me preocupar com a segurança dele e achar que era uma grande bobagem ele vir até a minha casa no meio da noite, mas era o melhor a se fazer.

Afinal, prevenir é melhor do que remediar. Já dizia minha vó.

Ben desligou o telefone e nem se despediu. Confesso que isso me deixou meio triste e eu tive uma péssima noite, o que resultou algumas olheiras medonhas na manhã seguinte.

Pó de arroz nem sempre consegue esconder todas as imperfeições

possíveis, o que é uma pena porque eu teria que usar uma quantidade de maquiagem considerável para aparecer sete horas da manhã na aula.

Decidi que não mandaria nenhuma mensagem para o Ben, quando eu voltasse para casa ele já teria me procurado. Pelo menos era o que eu queria que acontecesse.

Eu conheço o Ben há exatos três meses e dois dias, mas parece que nós nos conhecemos há muitos anos, na verdade, há muitas vidas.

Quando eu ouvi a voz dele pela primeira vez, foi como se eu já o conhecesse de algum lugar, até que, me dei conta que era impossível. Afinal, ele nem morava próximo a mim — embora eu costumasse ir ao bairro dele com frequência — ainda e definitivamente não tinha como a gente já ter se conhecido antes.

Embora eu tenha plena certeza de que jamais esqueceria aqueles olhos verdes e aqueles quase cachos que se formavam nas pontas do seu cabelo liso e muito preto.

Pode parecer que eu sou apaixonada, mas na verdade, ele só é o meu melhor amigo e eu tenho um namorado, que por sinal, está quase deixando de ser porque ele é um grande-bacaba-que-não-merece-nenhum-direito.

Desde que eu conheci o Ben no parque que ficava atrás do prédio do Daniel — era o meu lugar favorito no mundo, eu sempre ia pra lá quando eu brigava com o Daniel, o meu namorado — numa terça-feira qualquer.

Ele estava lá, sentado no meu banco favorito e fumando um cigarro com gosto de menta — era basicamente o único defeito do Ben — ele se aproximou para perguntar o motivo do meu choro e, então eu tossi e fiz alguns gestos com a mão para dizer que a fumaça estava me incomodando, quando ele disse que era de menta e cigarros de menta são caros e bons demais para serem jogados fora.

Mas ele jogou fora e se aproximou novamente insistindo em saber o motivo do choro, só que eu não queria dizer o motivo do choro.

Mas que mal faria dizer o motivo do choro para um estranho?!

Eu contei tudo, eu disse que o meu namorado tinha sido um idiota comigo pela milésima vez e que eu não aguentava mais ele enchendo o meu saco e querendo controlar as minhas amizades e controlar até com quem eu conversava.

Ben olhou para mim e ficou rindo, depois me questionou o porquê diabos eu ainda não tinha terminado com esse “cara”. Eu não saberia responder no dia que ele me perguntou, mas hoje eu sei: dependência emocional.

É uma das piores coisas que podem acontecer na vida de qualquer pessoa, e ninguém está isento, todos nós somos pré-dispostos a sermos dependentes de algo ou alguém.

Se você der um *Google* rápido, aparece: "A dependência emocional acontece quando um indivíduo projeta suas expectativas em outras pessoas, passando a depender do outro para se sentir feliz, capaz, para tomar decisões e até mesmo para se sentir amado."[17]

Era assim que eu me sentia, de alguma forma a minha felicidade nunca era genuína e sempre dependia do Daniel, até nosso relacionamento começar a ser um campo minado e eu comecei a me sentir pisando em ovos o tempo inteiro.

Depois de um tempo já sendo amiga do Ben e percebendo cada vez mais que Daniel era uma pessoa que precisava de terapia e não de uma namorada.

Comecei a pensar mais ainda na ideia de que nós deveríamos terminar.

A única coisa que eu não estava percebendo é que eu estava apenas trocando de vaso, mas a água continuava suja. Melhor dizendo, eu estava deixando de ser dependente do Daniel e começando a ser dependente do Ben, mas até então eu não tinha percebido isso.

Até que, chegamos no dia de hoje. Eu passei a manhã toda na aula e tentei me desligar do celular para não ficar pensando muito no Ben, falhei completamente, eu posso até não ter pego no celular, mas eu definitivamente pensei nele o tempo inteiro e isso me fez acreditar mais ainda na teoria de que eu estava apenas trocando um pelo outro.

Decidi que terminaria com o Daniel hoje, já estava cansada daquela possessividade e dos ataques de ciúmes dele.

Afinal, agora eu já me sentia livre dele e minha felicidade não era mais uma coisa que dependia do Daniel. Definitivamente eu estava "curada".

O problema é que minha felicidade começou a depender do Ben e eu demorei um pouco pra me dar conta disso.

Saí da aula e fui para casa do Daniel.

Queria fazer as coisas do jeito certo, terminar com ele cara a cara, afinal, ele merecia. Eu precisava fazer isso, era a melhor opção. Não tinha mais como voltar atrás, estava decidida.

Cheguei na casa do Daniel e não esperei nem ele abrir a porta direito. Fui entrando e rapidamente despejei duras palavras em cima dele, como se eu estivesse vomitando depois de anos tudo que estava entalado na minha garganta e por dois segundos me senti completamente leve, eu

definitivamente era a pessoa mais realizada do mundo.

Até que Daniel começou a chorar muito e me pedir desculpas por tudo que ele tinha feito e tudo isso desencadeou uma crise de ansiedade.

Era um péssimo momento para resolver isso, mas eu não poderia deixar Daniel ali daquele jeito, quase que sem respirar e com as mãos trêmulas.

Peguei um copo de água e tentei acalmar Daniel. Mas deixei claro que não queria mais nada com ele, eu precisava sair daquele ciclo.

Nesse momento ele começou a culpar o Ben e dizer que era tudo por causa dele. De certa forma, eu não poderia tirar a razão dele, mas ainda assim acho que era muito mais sobre mim.

Minha cabeça começou a dar um nó e aquele sentimento de leveza tinha se tornado uma grande culpa e eu sentia meu corpo sendo puxado para baixo como se eu tivesse carregando uma ancora nas minhas costas.

Depois que acalmei Daniel eu fui para casa, precisava de um tempo pra mim, ao menos foi o que eu disse pra ele.

Fui pro ponto de ônibus sozinha e fiquei mais de meia hora esperando meu ônibus, o que não era uma surpresa, mas quanto antes eu fosse embora, menos chances eu teria de dar de cara com o Ben, eu não queria que a gente se encontrasse daquela maneira.

Uma parte de mim odiava o fato de que eles dois moravam super perto um do outro e, a outra achava que aquela tinha sido a melhor coincidência da minha vida.

Meu ônibus chegou e eu quase achei ter visto o Ben do outro lado da rua, mas eu continuei firme e subi as escadas, atravessei a catraca e me sentei num banco que ficava do lado da janela, foi quando confirmei, era o Ben, virei o rosto e esperei o motorista dar a largada.

Mas o ônibus não saía do lugar, comecei a ficar nervosa e suar frio.

Alguns poderiam dizer que era um sinal do universo, mas eu definitivamente achava que era só a produção pregando mais uma peça.

O motorista levantou e disse que o ônibus tinha quebrado e que talvez demorasse um pouco para chegar outro, mas ele achava mais válido a gente pegar outra condução do que esperar que aquele ônibus fosse concertado.

Desci do ônibus cruzando os dedos, pedindo aos céus que tudo desse certo, e comecei a aceitar que aquele poderia ser um sinal do destino para que eu falasse pessoalmente e entregasse em primeira mão a notícia do término para o Ben.

Eu atravessei a pista correndo para poder alcança-lo antes que ele virasse

a esquina.

E para minha sorte o fluxo de carros era fraco naquela região.

Quase gritei o nome dele, mas não quis chamar atenção da rua.

Continuei correndo e finalmente consegui alcança-lo.

Me aproximei e fiz cócegas na lateral da barriga dele, o que provavelmente deixou ele assustado e fez com que ele virasse com tudo segurando meus braços com força.

— Calma! Sou eu. — eu disse olhando pra ele.

— Laura! Não faz isso, você me assustou. O que você está fazendo aqui? Ah sim, na casa do Daniel. — ele disse respondendo a própria pergunta.

— É, será que podemos ir pra sua casa? — eu disse.

— Tá tudo bem? — ele questionou.

— Eu e Daniel terminamos e acho que estou apaixonada por você, embora eu negue isso com todas as forças porque eu odeio o fato de estar apenas trocando o vaso e ainda esteja deixando a mesma água suja. — disse tudo rapidamente, sem pausas e quase ficando sem ar.

Ben me olhou fixamente e não disse nada, imaginei que ele ainda estivesse processando tudo que eu disse, mas na verdade ele não estava olhando fixamente para mim, ele estava olhando fixamente para Luana — sua ex-namorada — que estava vindo em nossa direção.

Ótimo momento para aparecer, hein? Até que eu gostava de Luana, mas era realmente um péssimo momento para que ele aparecesse quando eu tinha acabado de me declarar para o meu melhor amigo, logo depois de um término.

O que me fazia pensar definitivamente que era eu a pessoa carente e que precisava de ajuda, porque eu não tinha superado Daniel, apenas tinha o trocado pelo Ben.

De fato, uma boa reflexão, embora um péssimo momento, talvez ela fosse mais útil antes de eu ter dito tudo aquilo.

Luana se aproximou da gente, me cumprimentou e beijou o Ben na boca dizendo: “Oi, amor.” Com aquela voz tosca que ela tinha e esfregando toda aquela beleza na minha cara.

Oi amor? Era isso mesmo que eu estava ouvindo: amor?

Não seria possível, que eles voltaram e eu não sabia. Quando eles voltaram e porquê o Ben não tinha me contado nada?

Principalmente, porque eu tinha acabado de me declarar para um garoto que namora.

Ótimo, além de ter terminado com Daniel e me declarado para o Ben com uma hora de diferença, tinha o adendo de que, ele tinha voltado com a namorada super gostosa dele.

— Laura, tá tudo bem? – Ben me chamou estalando os dedos.

— Ah, sim... me desculpe, eu me perdi aqui nos meus pensamentos.

— Vamos para sua casa agora? — Luana perguntou para Ben.

— Então eu tinha combinado uma coisa com a Laura.

— Não, que nada, pode ir. – eu disse acirrando os dentes dando o sorriso mais forçado que eu poderia.

Deixei que eles fossem e perdi os dois de vista quando atravessei de volta para o ponto de ônibus.

Peguei meu celular para checar as mensagens e tinha algumas do Daniel me pedindo desculpa e perguntando se poderíamos conversar em outro momento.

A minha vontade era de voltar pra casa dele e dizer que tudo bem e que a gente poderia voltar, que eu tinha errado e sido boba com ele.

Mas seria merda demais pra um dia só, ou melhor dizendo, seriam erros demais para uma tarde. Ignorei as mensagens e continuei esperando o ônibus que não demorou muito de chegar.

Entrei no ônibus e dessa vez foi pra valer. Coloquei meus fones e queria poder dizer que o aleatório escolheu *"I don't want to miss a thing"*, mas na verdade foi eu mesma quem colocou para tocar no *replay* sem pena.

A viagem era curta então eu consegui ouvir a música umas três vezes e meia, até chegar o meu ponto.

Guardei os fones. Levantei, dei sinal e me aproximei da porta do ônibus quando as lágrimas vieram desesperadas, como uma represa que se rompe, e começaram a molhar todo o meu rosto.

Desci com a cabeça baixa e permaneci assim até chegar em casa.

Entrei em casa e fui direto pro meu quarto.

Nunca tinha pensado que o meu coração poderia ser partido por duas pessoas diferentes ao mesmo tempo, ao menos nunca tinha acontecido antes, mas para tudo tem uma primeira vez.

Já deitada na cama, olhei as mensagens do Daniel e ele ainda estava insistindo para que eu voltasse com ele, enquanto o Ben não tinha deixado nenhuma palavra se quer no meu chat desde a noite anterior antes da nossa ligação.

Abri as mensagens do Daniel e não respondi nada, apenas apaguei o

contato.

Entrei na conversa do Ben e bloqueei o número, afinal, não queria mais me preocupar se as mensagens chegariam, porque mesmo que ele mandasse nada chegaria mais.

Sobre a autora



Bianca Krishna Lila, a menina dos três nomes. Virginiana com Lua em Gêmeos e Ascendente em Leão. De vez em quando escritora. Graduanda em Letras Vernáculas pela UFBA (Universidade Federal da Bahia).

Tumblr: reerguestes.tumblr.com

Instagram: @biancaautran

---

[1] Anne with an E (conhecido também como, Anne com "E", ou apenas, Anne) é uma série de televisão canadense baseada no livro de 1908 Anne de Green Gables, de Lucy Maud Montgomery e adaptada pela escritora e produtora vencedora do Emmy, Moira Walley-Beckett.

[2] Arctic Monkeys é uma banda britânica de rock formada em 2002 nos subúrbios da cidade de Sheffield, na Inglaterra. O grupo é formado por Alex Turner, Matt Helders, Jamie Cook e Nick O'Malley.

[3] Saiba mais sobre a música em: https://rquevedogiraldi.wixsite.com/todoraciocinio/eu-me-lembro

[4] Link para clipe da música: https://www.youtube.com/watch?v=vpvEcC54i_U

[5] Pinterest é uma rede social de compartilhamento de fotos. Assemelha-se a um quadro de inspirações, onde os usuários podem compartilhar e gerenciar imagens temáticas, como de jogos, de hobbies, de roupas, de perfumes, de animes, etc.

[6] Tumblr é uma rede social de fotos e textos em formato de blog. Tumblr boy então virou uma

gíria para caracterizar o padrão e os estilos daquelas que usam o Tumblr para postar suas fotos.

[7] Saiba mais sobre o filme em: http://www.adorocinema.com/filmes/filme-2167/

[8] Baseado na série de TV *How I Met Your Mother*, *Playbook*: O manual da conquista sugere mais de 70 técnicas de sedução que irão atrair todos os tipos de garota.

Saiba mais em: https://www.intrinseca.com.br/livro/463/

[9] Sticky Fingers é uma banda de reggae / indie rock formada em 2008 em Sydney. A banda é composta por Dylan Frost, Paddy Cornwall, Seamus Coyle, Beaker Best e Freddy Crabs.

[10] Tradução:

E pensar que eu iria te machucar, baby
Eu só preciso de você perto agora, não seja louco
Não haverá outra forma
E não haverá outros caras
Aqueça suas mãos com as minhas
Eu vou te levar para casa.

[11] Um olhar hilário sobre paixão, namoro e separação. Depois que Summer (Zooey Deschanel) o deixa, Tom (Joseph Gordon-Levitt) recorda os 500 dias juntos e busca entender o que não deu certo.

Saiba mais sobre o filme em: http://www.adorocinema.com/filmes/filme-128377/

[12] Texto escrito por Anderson Leite para uma *tag* em parceria comigo no meu Tumblr: reerguestes.tumblr.com

[13] Gustavo Pereira Marques, mais conhecido pelo nome artístico Djonga, é um rapper, escritor, Historiador e compositor brasileiro. Considerado um dos nomes mais influentes do rap na atualidade, o artista chama a atenção por sua lírica afiada, marginalizada e agressiva e por suas fortes críticas sociais nas letras.

[14] Trecho da música: Leal. Terceira faixa do álbum: Ladrão. Cantor: Djonga.

[15] Novos Baianos foi um conjunto musical brasileiro, nascido na Bahia, ativo em seu auge entre os anos de 1969 e 1979, que se reuniram em 1997 e novamente em 2015.

[16] Verso da música *"I don't want to miss a thing"*. Artista: Aerosmith.

[17] Para mais informações: https://www.sbie.com.br/blog/como-identificar-os-sintomas-de-uma-dependencia-emocional-e-supera-la/